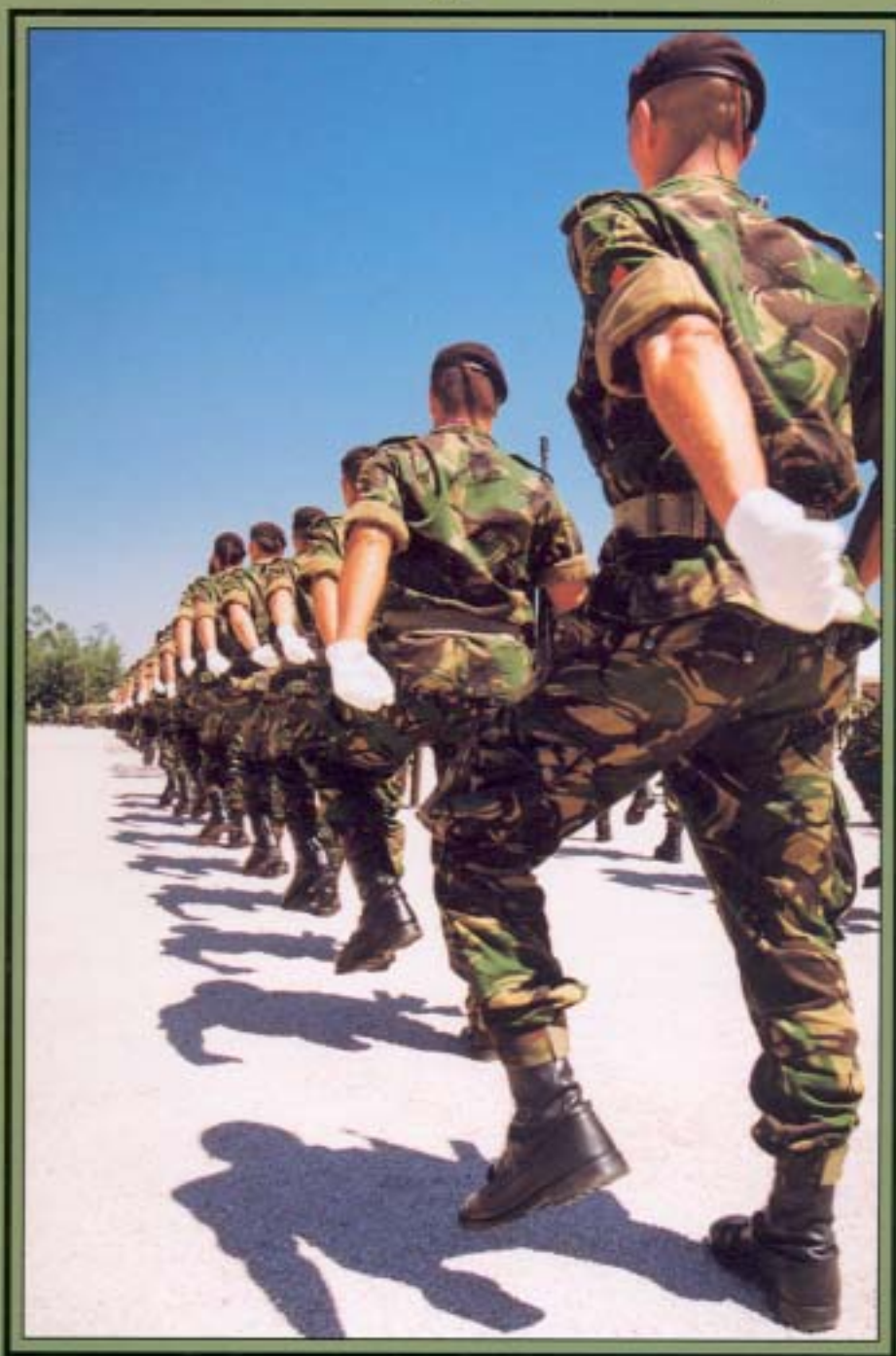


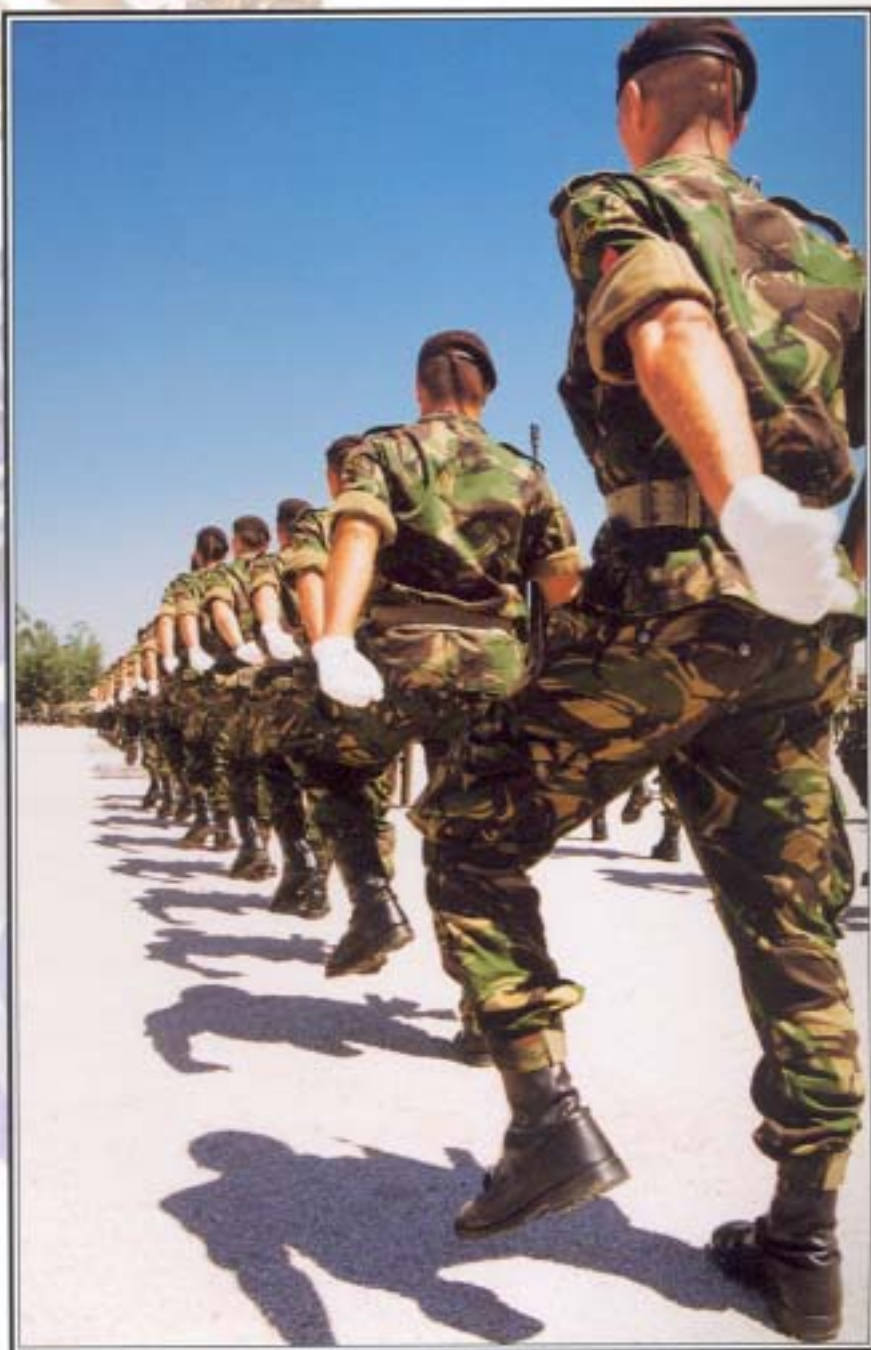
Atoleiros

Revista Militar do Campo Militar de Santa Margarida
e da Brigada Mecanizada Independente



Ano III - N.º 5 – ABR2001

Brigada Mecanizada Independente



APRONTAMOS BATALHÕES PARA F.N.D.

SUMÁRIO

3
Sumário

4
Correspondência

5
Editorial



4
Forças Militares em Macau



7
Programa de Avaliação
de Instrução sobre Operações
de Apoio à Paz



9
De Sandzak a Sandzak



11
Ambiente no CMSM/BMI
um desafio contínuo



14
Sistema MSE



16
Radar AN/PPS 5



19
SITREP



25
Páginas da Escola Primária
e Jardim de Infância



27
Educação Física e Desporto



DOSSIER
- Reequipamento



Cartas ao Director

... agradecer a oferta de mais um excelente número dos "Atoleiros", publicação já com crédito e prestígio firmados na "Imprensa Militar".

Tenente-General
Jorge Barroso de Moura
Governador Militar de Lisboa

...agradecer o envio da revista Atoleiros de cuja leitura, considerei de grande interesse o Dossier, pela importância e projecção do seu conteúdo.

Os meus cumprimentos e incentivo a todos os que na revista colaboraram...

José dos Santos Carreto Curto
General

... Agradeço, reconhecido, o envio do exemplar da "Atoleiros", que recebi com muito agrado.

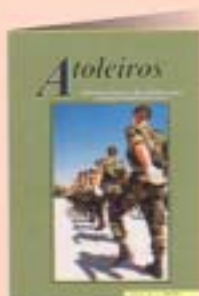
Continuo a acompanhar a "nossa" Brigada, cujas actividades sinto muito próximas.

Parabéns pelo alto nível da revista a confirmar a vitalidade da Brigada e a sua incontestável posição de escola do Exército nestes difíceis tempos modernos.

Vi também com agrado que no artigo central se refere o ano de 76 como da criação da Brigada o que corresponde à realidade. Quando saiu a portaria de 78 já tínhamos Brigada há dois anos, com uns dois mil e tal homens...

Henrique António do Nascimento Garcia
Brigadeiro

CORRESPONDÊNCIA



FICHA TÉCNICA

Atoleiros

Revista Militar do Campo Militar de Santa Margarida
e da Brigada Mecanizada Independente

DIRECTOR:
Comandante do CMSM/BMI
Major General Jorge Manuel Silvério

REDACÇÃO:
SHRP/QB/BMI

PROPRIEDADE:
QG/CMSM - 2250 Constância

EXECUÇÃO GRÁFICA:
Gráfica Almondina
Zona Industrial - 2350 Torres Novas

Tiragem: 700 Exemplares

Depósito Legal n.º 135479/99

Preço: 500\$00



Editorial

MILITARES E CIVIS DO CMSM E DA BMI

Em 2000, cumprimos com determinação, abnegação e entusiasmo as missões que nos foram cometidas, aprontando três Unidades de escalão Batalhão destinados a servir nos Teatros de Operações da Bósnia e do Kosovo e, com os recursos disponíveis, planeando e executando as nossas actividades operacionais e de instrução, administrativo-logísticas e de apoio a outras Unidades.

Ao esforço que nos foi solicitado, respondemos "Cumprindo", como sempre fizeram os Soldados de Santa Margarida.

A todos os Militares e Civis do Campo e da Brigada manifesto o meu profundo reconhecimento pela forma digna e generosa como vêm cumprindo todas as suas missões.

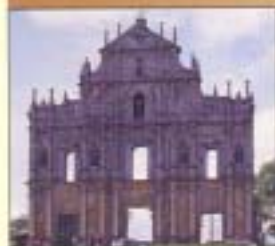
Neste ano, em que nos é exigida uma menor participação nas missões de apoio à paz, dedicaremos especial atenção ao treino operacional no âmbito das operações convencionais e prosseguiremos, com empenhamento, as acções de manutenção de viaturas e equipamentos orgânicos principais e de recuperação de infra-estruturas essenciais à vida dos Quadros e das Tropas.

Como sempre, conto convosco para, em fidelidade à nossa "Condição Militar", servirmos o Exército e o nosso País.

Jorge Manuel Silvério
Major-General



FORÇAS MILITARES EM MACAU



1. Justificação

A recente publicação (JUL99) do livro – relação Unidades Militares de Macau, da autoria do Cor Eng^a Armando Cação e edição do Gabinete das Forças de Segurança de Macau fez recordar que naquele território existiram forças militares portuguesas. Realmente, os últimos vinte e cinco anos da presença de Portugal em Macau não contaram com o concurso de forças militares e vinte e cinco anos é muito tempo, já podem considerar-se história.

Despertada a curiosidade, foi-se à procura de mais bibliografia sobre o assunto, tendo-se encontrado um livro – torrente intitulado os Militares em Macau, da autoria do Padre Manuel Teixeira, historiador local, com edição de 1975 do Comando Territorial Independente de Macau, e que é mais propriamente um livro sobre a história de Macau, mas visto na vertente da actuação dos militares nessa história.

Munido destes dois instrumentos é intenção deste artigo lembrar as forças militares em Macau até 1975, que não, naturalmente os militares, que nos últimos vinte e quatro anos de soberania portuguesa, cumpriram missões no território em funções distintas das militares.

2. Dúvidas

Curiosamente, subsistem muitas dúvidas sobre a data da ocupação portuguesa do Território de Macau, que foi tradicionalmente fixada em 1557, e no entanto nada é mais impreciso.

A tradição afirma, a este respeito, que Macau foi concedida pelos chineses aos portugueses em 1557, como recompensa pela repressão da actividade de piratas chineses.

O Padre Manuel Teixeira afirma que chegou às seguintes conclusões, sobre este assunto:

1. Os portugueses estabeleceram-se em Macau à roda de 1557 para comerciar com os Chineses, com o conhecimento e consentimento destes.
2. Este estabelecimento não foi o prémio de batalha alguma.
3. Deu-se realmente um encontro com os piratas, não em 1557, mas em 1564.
4. Este encontro com os piratas em 1564 veio confirmar a posse de Macau pelos portugueses.

No entanto, a opinião chinesa é esta:

“ No 32º ano de Kim – Thing (1553) navios estrangeiros aportaram a Macau. Os tripulantes contaram que a tempestade os havia assaltado, e que a água havia molhado os objectos que eles traziam como tributo. Pretendiam se lhes permitisse

secá-los na praia de Macau. O comandante da costa, Wang-pe, deu-lhes permissão. Mas os comerciantes, atraídos pela esperança do lucro, vieram insensivelmente, e construíram casas de tijolos, de madeira e de pedra. Os portugueses obtiveram desta maneira uma entrada ilícita no Império.”

Naturalmente, que esta questão poderia continuar a ser desenvolvida, mas fiquemo-nos por aqui.

3 - E então os militares?

Vamos então à razão última deste pequeno artigo. Os militares. Parece compreensível que na fase inicial de abordagem a terra, durante o período expansivo dos descobrimentos (que coexistia com um sistema de defesa medieval), e com uma separação imprecisa entre navios de guerra e navios comerciais, não se possa falar propriamente de militares e muito menos de unidades constituídas, embora se saiba pelas relações de bordo que havia navios que levavam soldados.

No entanto as questões relacionadas com a defesa rapidamente se impuseram, nomeadamente após a perda da independência nacional em 1580 e os conflitos com os holandeses sustentados por Castela.

Foi então criada em 1616 uma pequena força, colocada sob o

comando dum "Capitão Militar" e constituída por indivíduos assalariados, que velavam pela polícia ordinária.

No entanto, parece certo que o primeiro Governador e Capitão-Geral foi D. Francisco Mascarenhas que tomou posse em 17 de Julho de 1623, trazendo com ele 100 soldados e tendo cumprido um plano extenso de fortificação de Macau, na perspectiva de defesa contra ataques vindos do mar. Ordenou companhias de infantaria, com um número de 200 soldados e organizou uma fundição de peças de artilharia de ferro coado.

3. Como a situação evoluiu

Dos fins do Séc XVII até 1760 a situação económica de Macau não foi das melhores e a

pelo envio de soldados a partir de Goa como aconteceu em 1648, 1667 e em 1683.

Em 1706 era a viagem a Timor que pagava ao Capitão-Geral e ao presídio de Macau.

Em 1756 a maior parte dos Soldados andavam doentes, com fome pela falta de soldo.

No entanto, apesar das dificuldades e mesmo antes de Timor estar dependente de Macau, era daqui que lhe ia o socorro, como por exemplo na ida em 1702 na fragata Nossa Senhora das Neves, de António Coelho Guerreiro, acompanhado de 32 soldados de Macau e que contribuiu decisivamente para sufocar uma rebelião em Timor do Chefe Domingos da Costa.

No entanto após 1760 com o estabelecimento na cidade das companhias francesa, holandesa, e inglesa, entre outras, começou a renascer a vida económica, por força do comércio.

Em Abril de 1784 o Vice-Rei

por uma companhia de 100 Soldados cipaio e 50 Soldados artilheiros, a render de 6 em 6 anos, dando-se baixa da tropa existente.

No fundo, esta foi a primeira unidade militar de Macau, tendo ficado, provisoriamente, instalada na Casa da Alfândega e aí se mantinha em 1807, mas com uma missão mista de policiamento da cidade e de defesa.

Em 1798 foi construída uma enfermaria militar como anexo ao Hospital de S. Rafael.

Uma esquadra inglesa, sob o Comando do Contra-Almirante Drury, em 1808, entrou nas águas de Macau e após várias peripécias acabou por desembarcar as suas tropas e ocupar Macau a pretexto da sua defesa contra invasões francesas, isto num enquadramento geral das guerras napoleónicas. O governador dado o pequeno efectivo de que dispunha limitou-se a lavrar um protesto no tratado que assinou, tendo ape-



organização militar foi reflectindo os altos e baixos da sociedade em que estava inserida, sendo o corpo militar sustentado

da Índia emitiu uma portaria definindo a guarnição de Macau que enviada numa fragata de guerra, passou a ser constituída

lado ao apoio chinês que se efectivou por uma intimação aos ingleses que 3 meses depois abandonaram Macau.

Por alvará de 13 de Maio de 1810 nasceu o Batalhão Príncipe Regente, com cerca de 400 praças idas de Goa, mas em Julho de 1842 foi enviado um Batalhão de Caçadores e outro de Artilharia sendo em 13 de Novembro de 1845 o Batalhão Príncipe Regente substituído pelo Batalhão de Artilharia.

Quando Ferreira do Amaral, em 1846 toma posse como Governador de Macau é organizado, com base nos moradores, o Batalhão Provisório.

Em finais de 1856 chegaram 40 praças europeias para reforçar o Batalhão de Artilharia que, em 1857, muda de nome e passa a Batalhão de Macau, com uma Bateria de Artilharia e três Companhias de Infantaria.

Em Agosto de 1857 chegam 300 soldados portugueses e em Dezembro é reorganizado o Batalhão Provisório de 2ª linha, que passa a designar-se Batalhão Nacional. Em 1876 o Batalhão de Macau foi extinto, tendo os militares passado ao Regimento de Infantaria do Ultramar, unidade de Lisboa, que manteve até à sua extinção em 1893, um Batalhão em Macau.

4. E chegamos ao Séc XX

Qual a melhor maneira de comemorar o novo século, se não com uma reorganização militar? Pois assim foi feito por força do Decreto-Lei de 14NOV1901 que reorganizou as forças militares do Ultramar. Em Macau passou a existir a seguinte estrutura:

- Quartel General
- 1 Companhia de Artilharia de
- Guarnição de Infantaria
- 1 Corpo de Polícia (2 Comp de Inf.ª + 1 Pel Cav.ª)
- Banda de Música
- Depósito de Material de Guerra
- Companhia de Saúde de Macau e Timor

- Presídio militar do Monte
- Companhia de reformados

Naturalmente que todas as vicissitudes porque passou o Séc. XX em Portugal e no Mundo se reflectem em Macau pelo que a organização militar da colónia sofre constantes alterações que seria exaustivo descrever em pormenor e não cabem num simples artigo de revista. Iremos, a título de exemplo, arrolar algumas das constituições das forças em Macau até à sua extinção.

Em 1945 encontramos a seguinte estrutura:

- Quartel General das Forças do Exército
- Companhia de Metralhadoras
- Companhia de Artilharia
- 1ª Companhia Indígena de Caçadores
- 2ª Companhia Indígena de Caçadores

idas de Portugal, Angola e Guiné, reforço esse que progressivamente é retirado a partir de 1953.

Em 17/01/1961 o Comando Militar de Macau passou a designar-se Comando Territorial Independente de Macau com as seguintes forças:

- Quartel-General em S. Francisco
- Companhia Indígena de Caçadores nº 1 (CIC 1) em Coloane
- CIC 2 - Flora
- CIC 3 - Ilha Verde
- CIC 4 - Fortaleza Mong Há
- CIC 5 - Porta do Cerco
- Esquadrão de Reconhecimento - S. Francisco
- Bateria de Artilharia - Guia
- Destacamento de Manutenção - Mong Há
- Serviço de Subsistências
- Serviços de Saúde e Higiene

Mas a CIC 5 foi extinta em Agosto de 1962 e em Dezembro de 1963 as Companhias de Ca-



- Depósito de Material de Guerra
- Destacamento Militar da Taipa
- Carreira de Tiro da Taipa
- Presídio Militar de S. Paulo do Monte
- Destacamento da Ilha Verde
- Secção de Depósito, Recrutamento e Reserva
- Tribunal Militar Territorial

Face à situação de guerra civil vivida na China em 1949 há um reforço significativo de unidades

çadores ficam reduzidas a duas porque as 1ª e 4ª CIC marcham para Moçambique e em 1964 a Bateria de Artilharia é desactivada que em 31DEC75 é extinto o Comando Territorial Independente de Macau, terminando assim a presença de forças militares em Macau, cuja última formatura geral se reproduz em fotografia junta.

Armando A. G. Borges
Cor. Inf.ª

Programa de Avaliação de Instrução sobre Operações de Apoio à Paz

CAPITULO I

MISSÕES DE PAZ INTRODUÇÃO

Com o desaparecimento da "guerra fria" tem o mundo sido confrontado com disputas e conflitos armados cada vez mais em número crescente. Face a este aparecimento, a manutenção de paz tem hoje um papel cada vez mais importante nas relações internacionais. Assim hoje, a resposta adequada para estas situações é a presença imparcial da comunidade internacional, através dos seus estados democráticos, com a finalidade de manter ou impor a paz.

Face a estes novos desafios, houve que dar resposta através de um novo conceito de operações militares, as operações de apoio à paz, mais exigentes na justiça social (factor preponderante no globo), nas atitudes, formas de actuação e na informação (note-se que hoje estas operações são acompanhadas

pelos "média" e quase em tempo real, todo mundo tem conhecimento de uma notícia); tendo

esta instrução é, e deve continuar a ser, uma das responsabilidades prioritárias das Nações.



em consideração isso, assume uma crucial importância a preparação destas operações, "a instrução dos quadros e tropas";

Todos os quadros e tropas que participam nestas operações, têm que operar em ambiente multinacional e coope-

rar com forças de outros países, pelo que deverão possuir qualificações básicas semelhantes e garantir uma boa interoperabilidade e eficiência, por forma a que sejam atingidos os objectivos comuns. Neste sentido o CITOAP¹, face à necessidade de complementarização da doutrina existente, desenvolveu uma publicação com o fim de estabelecer, a nível tático, os objectivos comuns de instrução, por forma a melhorar a proficiência das forças e garantir a interoperabilidade já referida. Esta publicação (Programa de Avaliação da Instrução sobre Operações de Apoio à Paz) não pretende ser um manual doutrinário, mas antes um guia prático a ser utilizado pelos responsáveis do planeamento e execução da instrução, assim como, pelas entidades que supervisionam o aprontamento das forças; Pretende-se, desta forma, garantir o entendimento comum no que diz respeito aos níveis e uniformização da instrução. Muitos dos aspectos inseridos são aplicáveis não só a forças militares (escalão companhia/batalhão) como também a civis que tomem parte nas operações militares.

Na preparação da publicação, procurou-se ter o cuidado de o seu conteúdo estar de acordo com a doutrina existente sobre operações de apoio à paz (Instituto de Altos Estudos Militares, Escola Prática de Infantaria, OTAN, ONU) e de transmitir, também, as experiências, refle-

xões e recomendações de militares que já participaram nestas operações. Para isso, tornou-se necessário recorrer ao apoio da BMI, apoio esse que foi prestado através dos graduados que já participaram nesse tipo de operações e proporcionar a possibilidade de testar e validar o programa, em forças a destacar (Agr DELTA² e 2^oBIMec³). Foi ainda necessário, o apoio da Escola Prática de Infantaria e do Comando de Instrução com vista a consolidação e ao aperfeiçoamento final, em termos doutrinários, da publicação, garantindo-se, assim que o conteúdo está de acordo com a doutrina existente (nacional e internacional).

Vamos então dar conhecimento aos leitores do que trata o programa.

PROGRAMA DE AVALIAÇÃO DA INSTRUÇÃO SOBRE OPERAÇÕES DE APOIO À PAZ

a - Generalidades

Como já foi referido, este programa visa a uniformização de procedimentos e técnicas operacionais, relativas às tarefas colectivas que poderão ser desenvolvidas neste tipo de acções; complementarmente, nele está contido um conjunto de fichas de avaliação que pode constituir-se como uma referên-

cia de valor para o desenho dos programas de instrução, quer no âmbito do aprontamento operacional de forças, quer no aperfeiçoamento de quadros e tropas

b - Missões de Operações de Apoio à Paz

Independentemente do tipo de actividades e de operações doutrinárias, foi necessário enquadrar as operações de apoio à paz (OAP) em oito missões básicas que normalmente são atribuídas às forças e que são:

- Segurança de:
 - . um sector;
 - . uma área urbana;
 - . itinerários;
 - . instalações fundamentais;
- Controlo de fronteiras;
- Separação de beligerantes;
- Estabelecimento de postos de controlo;
- Escolta a colunas.

Estas missões, sistematizam um conjunto de conhecimentos extraídos dos princípios doutrinários, e do enquadramento jurídico (legislação nacional e internacional), do tipo de actividades e operações sobre OAP.

Vamos, no próximo número da revista, caracterizar aquelas missões, no sentido de as melhor clarificar e definir.

Continua no próximo número

¹ Centro de Instrução e Treino de Operações de Apoio à Paz

² Agrupamento DELTA - Força destacada para o KOSOVO

³ 2^o Batalhão de Infantaria Mecanizado - Força destacada para a BÓSNIA HERZEGOVINA



De SANDZAK a SANDZAK

A palavra Sandzak é de origem Turca e significa província ou bandeira. Este foi o nome utilizado pelo Império Otomano para denominar as áreas de vital importância que estavam directamente subordinadas ao poder central. A área de Sandzak nos Balcãs é constituída pela faixa Sul da Sérvia e a faixa Norte do Montenegro, sendo caracterizada por possuir uma elevada taxa de população seguidora da religião Muçulmana.

Sandzak conjuntamente com o Kosovo, são parte integrante do espaço físico que os Sérvios denominam por velha Sérvia, tendo estes territórios sido conquistados no dia 28 de Junho de 1389, durante a batalha de Kosovo Polje (campo dos melros), abrindo a porta para a invasão Otomana dos Balcãs.

Até 1912 e a primeira guerra balcânica, Sandzak era uma parte integrante do Império Otomano, em Outubro do mesmo ano e nos finais da guerra, os exércitos do Montenegro e da Sérvia conquistaram Sandzak e foi a partir da linha então definida entre estes dois exércitos que foi demarcada a



fronteira entre o Montenegro e a Sérvia. Durante o período que se seguiu à primeira guerra balcânica, a área de Sandzak foi incorporada em dois estados diferentes, o Montenegro e a Sérvia. Após a primeira guerra mundial este território foi integrado naquilo que ficaria conhecido na história como o novo reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos.

A emigração da população muçulmana começou praticamente desde essa época. Em Abril e Junho de 1914, 20.500 muçulmanos de Sandzak embarcaram no porto de Bar com

destino à Turquia. A emigração muçulmana de Sandzak foi na altura altamente encorajada pelos governos Turco e Jugoslavo e foram celebrados vários acordos entre estes dois governos, inclusive após a 2.ª guerra mundial, o último dos quais data de 1954.

De acordo com o senso realizado em 1991, a população de Sandzak totalizava 440.000 habitantes Sérvios e Montenegrios, sendo 253.000 muçulmanos e 187.000 ortodoxos. Este relativo equilíbrio, não dava grandes garantias aos Sérvios, os quais temiam os resultados da

elevada taxa de nascimento dos muçulmanos a exemplo do que acontecia no Kosovo.

O quadro da situação étnica de Sandzak alterou-se significativamente com a nova onda de emigração que se iniciou com o desmoronar da Federação Jugoslava e o início da guerra na Bósnia Herzegovina. De acordo com informação obtida junto de fonte muçulmana, entre 60.000 e 80.000 muçulmanos de Sandzak deixaram aquela área desde o início da guerra na vizinha Bósnia e os recentes ataques aéreos da NATO, ao território Sérvio.

A maioria dos habitantes de Sandzak, se por um lado são Sérvios ou Montenegrinos, por outro lado praticam uma religião diferente da restante população que constitui a Federação Jugoslava. Não só pelas diferenças de religião, mas acima de tudo porque os hábitos e formas de vida são também diferentes, levou a que a sobrevivência deste povo nos Balcãs se limitasse quase exclusivamente à da área geográfica que presentemente ocupam.

A pobre economia da área de Sandzak praticamente desapareceu em virtude de estar de certa forma dependente do escoamento dos seus produtos para o Kosovo. O recente colapso da economia e das infra-estruturas da Sérvia provocado pelos bombardeamentos da NATO e o grande fluxo de refugiados resultante do con-

flito naquela república, vieram completar o cenário de instabilidade existente na área.

Durante os últimos dois anos têm sido frequentes as trocas de propriedades efectuadas entre Sérvios Bósnios e habitantes de Sandzak. O Sérvio Bósnio procura um refúgio no coração da Sérvia e ao mesmo tempo libertar-se de um bem de que não consegue usufruir por este estar localizado na área hoje integrada na Federação Croata – Muçulmana da Bósnia. O habitante de Sandzak procura uma mais valia na troca comercial e apesar de ser Sérvio ou Montenegrino, aceita viver em áreas de predominância muçulmana da Bósnia onde pode partilhar os mesmos ideais religiosos.

Actualmente não existem quaisquer indicadores sobre as reais intenções da Sérvia relativamente a esta área dos Balcãs. A possível ameaça de ofensiva militar Sérvia sobre o Montenegro, como forma de eliminar a corrente independentista existente naquele estado da Federação Jugoslava, é considerada baixa. A verificar-se esta ameaça, o seu resultado seria desastroso já que uma qualquer linha de confrontação entre as forças armadas em conflito, iria situar-se na área de Sandzak. Até agora a população de Sandzak tem-se mantido afastada da situação vivida no Kosovo. O relato da existência de tráfego de armas para o Kosovo através do território de Sandzak, não é

indicador de existir um real apoio ao conflito Kosovar mas sim o recurso à utilização de uma rota que oferece menor risco para a execução deste tipo de operações. A principal preocupação do governo da Sérvia, relacionada com esta área, é a denominada Transversal Verde. Tem sido grande a obsessão dos Sérvios relativa à possível rota que ligaria o mundo muçulmano através do corredor definido por Sarajevo – Gorazde – Cajnice – Sandzak – Kosovo e Albânia. Têm sido várias as manifestações de natureza independentista na área, no entanto a preocupação de um novo conflito e o recente exemplo do Kosovo, tem esfriado os ânimos dos mais radicais. Apesar dos riscos inerentes ao desencadear de um novo conflito, os grupos independentistas de Sandzak, apoiados pelo principal partido muçulmano da Bósnia liderado pelo Presidente Izetbegovic, continuam a forçar uma Sérvia debilitada no sentido da obtenção do estatuto de autonomia para o território.

A concretizar-se no futuro a já desenhada independência do Kosovo, irá reacender uma nova onda de instabilidade no seio da Federação Jugoslava, em particular na descrita área de Sandzak e na antiga província da Vojvodina situada no norte da Sérvia, exaltando de novo grupos radicais movidos por ideais independentistas.

Major Inf Nuno Cardoso

Ambiente no CMSM/BMI, um desafio contínuo!

1. GENERALIDADES

O CMSM, com os seus actuais 65 km², é um pilar fundamental do Exército, nas áreas da instrução, dos exercícios de armas combinadas, do

aprontamento de forças e da componente ambiental.

A sua população chegou a atingir, nos últimos 20 anos, cerca de 7500 militares, tendo, actualmente, aproximadamente 3 000 militares.

Como gerir o espaço urbano de forma equilibrada e conservar a área susceptível de exploração agro-florestal, sem comprometer a Missão tem sido, obviamente, uma preocupação constante dos comandantes do CMSM / BMI.

2. A SITUAÇÃO ACTUAL

O CMSM/BMI é ímpar no Exército Português, quer pelo facto de nele estar uma GU operacional, quer como campo de treino e beneficiaria grandemente se existissem quadros orgânicos, dotados de pessoal e meios, nas vertentes da componente agro-florestal e da

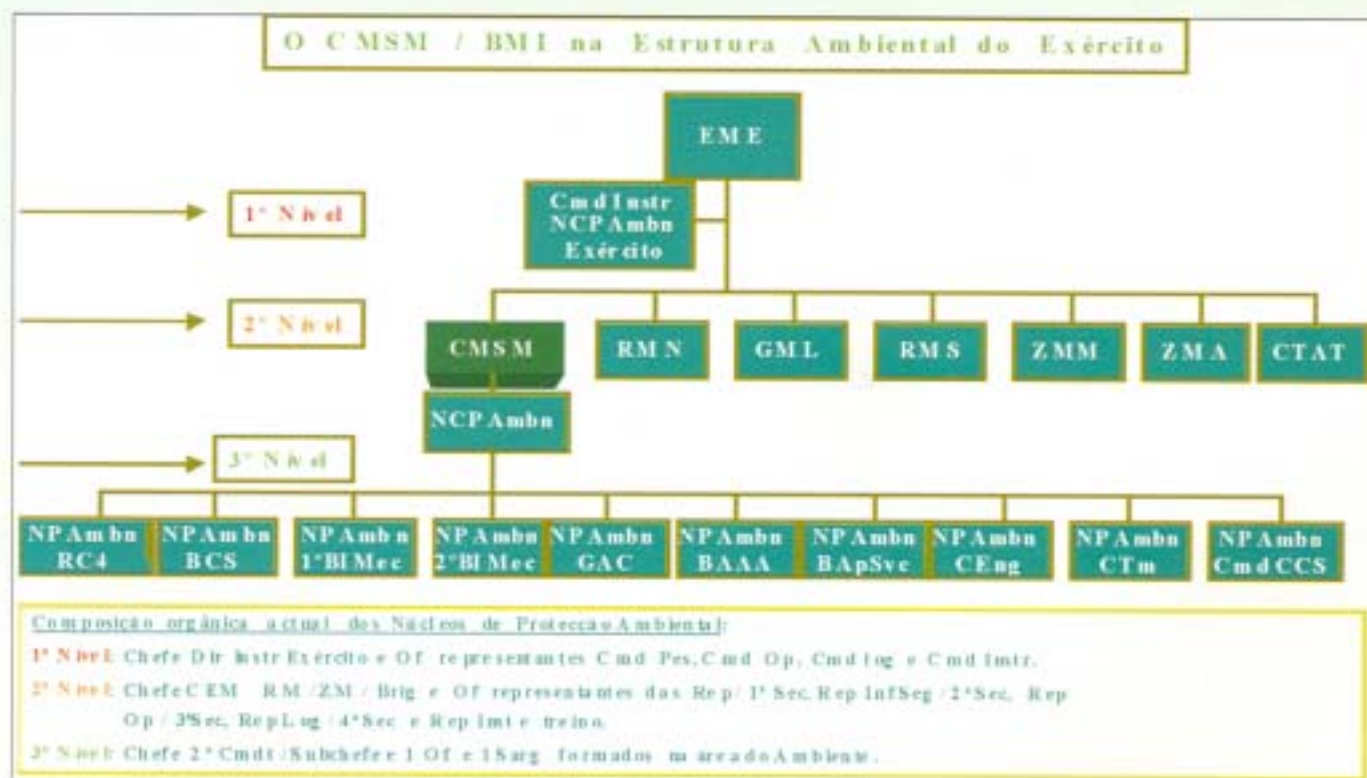
protecção e conservação ambiental. Estas duas áreas, embora partilhem objectivos comuns, têm necessidade de existirem independentemente uma da outra.

A primeira trata da exploração agro-florestal, tendo com fim último o rendimento que daí advém (e todos nós sabemos hoje quão elevada é a importância que essas receitas têm, face às restrições orçamentais). A segunda procura conservar,

proteger e preservar o equilíbrio ambiental face à actividade militar e à exploração agro-florestal.

RETROSPECTIVA SOBRE ALGUMAS ACTIVIDADES AMBIENTAIS

É amplamente conhecido o enorme esforço que o Gabinete Agro-Florestal/ CMSM tem desenvolvido, desde 1995, em prol da reflorestação, da preser-



vação das espécies cinegéticas, da erradicação das hakeas *Sericea*, da limpeza de matas, da podas de sobreiros, oliveiras, pinheiros etc...

É de referir também o óptimo trabalho que tem sido levado a efeito pelo Cmd do CMSM, desde 1996, e que culminou com duas atribuições do Prémio de Defesa Nacional e Ambiente em 1996 e 1998.

O Major General Comandante do CMSM / BMI, preocupado com a conservação e preservação ambiental e consciente da necessidade de serem criadas estruturas próprias para o seu tratamento, determinou que fosse nomeado, em regime de acumulação, um oficial superior para o NCPAmbn, nos finais de 1999.

Actualmente, os delegados das unidades têm reuniões trimestrais no QG/BMI, o que possibilita um diálogo directo entre o Cmd do CMSM e as Unidades, facilitando a identificação dos problemas existentes pelo NCPAmbn/CMSM. As questões apresentadas são estudadas, dando frequentemente, origem a propostas a que o Cmd é receptivo.

De 22 a 26Jun 99, o recém constituído NCPAmbn organizou e coordenou a Semana do Ambiente, no âmbito da qual foi aberta ao público uma exposição conjunta com a Câmara Municipal de Constância. Tivemos, ainda, o privilégio de ter entre nós o Prof. Dr. Jorge Paiva, do Instituto Botânico de Coimbra, o Eng^o Tiago e o Vereador do Ambiente, o Sr. Rui Ferreira, ambos da Câmara Municipal de Constância, o Major Gouveia, do Ministério da Defesa Nacional, o Eng^o Júlio Bento, da Câmara Municipal de Abrantes, e o então Presidente do IPAMB, Dr.

José Alho. Contámos também com a presença de altas personalidades militares de unidades vizinhas, civis e representantes de ONGA.

Em 05Set00, as unidades do CMSM / BMI viram aprovada, pelo General Comandante, a 1^a NEP sobre o Ambiente (NEP 0.03 SISTEMA DE GESTÃO AMBIENTAL – NÚCLEOS DE PROTECÇÃO AMBIENTAL DO CMSM).

Em coordenação com a 3^a Sec/QG, foi proposto e incluído, pela primeira vez no Exército, nas EXPI, no exercício ARCO002, um anexo de duas páginas intitulado "Instruções para a preservação do ambiente, durante o FTX".

Recentemente, o Cmdt do Agr ECHO manifestou a sua preocupação e o desejo de incluir nas operações de paz, palestras de divulgação de protecção ambiental às populações e escolas localizadas no seu sector, tendo solicitado material de apoio ao NCPAmbn/CMSM. Trata-se, naturalmente, de mais uma tarefa que, embora difícil num país devastado pela guerra, irá prestigiar ainda mais as tropas da BMI. Neste aspecto, é fundamental realçar que a prevenção da poluição é 100 vezes mais económica que a despoluição. Daí justificar-se que, ao nível do EM dos Bat de FND, deva existir um responsável com formação ambiental, capaz de elaborar estudos sumários de impacto ambiental (ar, solo, água, fauna e flora) nas áreas de acção e de acantonamento. Saliante-se que exemplos recentes do Kosovo e da Bósnia-Herzegovina demonstraram claramente que, se não o fizerem, acabaremos todos por pagar uma factura demasiado elevada.

4. O CMSM / BMI E A ESTRUTURA DO EXÉRCITO

A estrutura ambiental actual obedece à organização tradicional no respeitante à forma, com a particularidade de que todos os elementos que nela participam apenas o fazem em regime de acumulação com outras funções orgânicas. Só ao nível do Ministério da Defesa Nacional é que existe, de facto, uma Divisão de Estudos Ambientais dotada de pessoal especialista e meios. A estrutura ambiental do Exército tem o mérito de existir formalmente desde 1993 - Despachos: General CEME de 30Set93 e do Comando da Instrução de Abr94, que aprova o Anexo G (Plano de Formação para a protecção do Ambiente) ao Plano de Instrução Militar Plano Charlie 2. Entre outras iniciativas, foi elaborado um manual sobre protecção ambiental e foram introduzidas no ciclo da instrução (por exemplo, PMG e PMC, CFS, CFO) fichas ou disciplinas sobre ambiente. Paralelamente, foi criado o Curso de Instrutores do Ambiente para Oficiais e Sargentos (Curso do PTEC com a duração de 15 dias). Além disso, podemos orgulharmo-nos de ter uma Escola Prática de Engenharia que todos os anos forma, nesta área, com muito profissionalismo, cerca de duas dezenas de militares do Exército e de outros ramos.

Em síntese, parece-nos que o Exército, ao nível das RM/ZM/Brig, beneficiaria substancialmente com a criação da função orgânica Oficial do Ambiente, com formação específica, dependente do CEM / QG e com a missão de organizar

actividades ambientais, dinamizar periodicamente, in loco, as unidades apoiadas e servir de coordenador entre as UUOO, o QG e Cmd da Instrução. É importante lançar um olhar atento sobre as novas realidades, pois, no nosso país, a título de exemplo, é já prática comum considerar que a componente ambiental tem um peso de, aproximadamente, 33% nos novos grandes projectos urbanísticos. Hoje, não nos espantamos com a dimensão dos Estados-Maiors técnicos, cujo número de elementos tem aumentado ao longo dos tempos à medida que o saber

humano se vai especializando. É nosso parecer que, neste início do Século XXI, universalmente já considerado como o Século do Ambiente, o Exército sairá prestigiado com a presença efectiva de mais um Oficial no Estado Maior Técnico, ao nível das RM/ZM/Brig. **O Oficial do Ambiente!**

5. ODISSEIA 2001 QUE FUTURO PARA O AMBIENTE NO CMSM / BMI?

Temos, no CMSM, exemplos

únicos no Exército, tais como o Sistema de Lavagem de Carros de Combate do RC4, que poupa, provavelmente, milhões de litros de água por ano, e o recente e louvável sistema de lavagem do GAC e BAAA / BMI (que deveria ser ampliado e melhorado), que já evita que centenas de litros de óleo entrem na rede de saneamento básico do CSM. Teremos que continuar, progressivamente, a aumentar a quantidade de óleos oficiais e alimentares que entregamos para reciclagem (e já são muitos milhares de litro por ano).

Continuaremos a insistir na necessidade de aumentar a recolha selectiva, a reutilização do vidro e do papel, a diminuição do consumo de papel, a utilização das bicicletas, a maior utilização de pilhas recarregáveis, em vez de pilhas normais, a guerra contra o descartável, o maior consumo de papel reciclado, o fomento e a racionalização do correio electrónico em detrimento do papel, etc...

Durante o decorrer de 2001, iremos ser objecto do Processo de Certificação Ambiental (Normas da Série ISO 14000 e ISO 9000), do qual resultarão responsabilidades acrescidas, nomeadamente na manutenção de um conjunto de obrigações e actividades para que possamos obter e manter a certificação.

Estamos confiantes que os militares do CSM/ BMI irão colaborar e levar a cabo esta difícil missão!

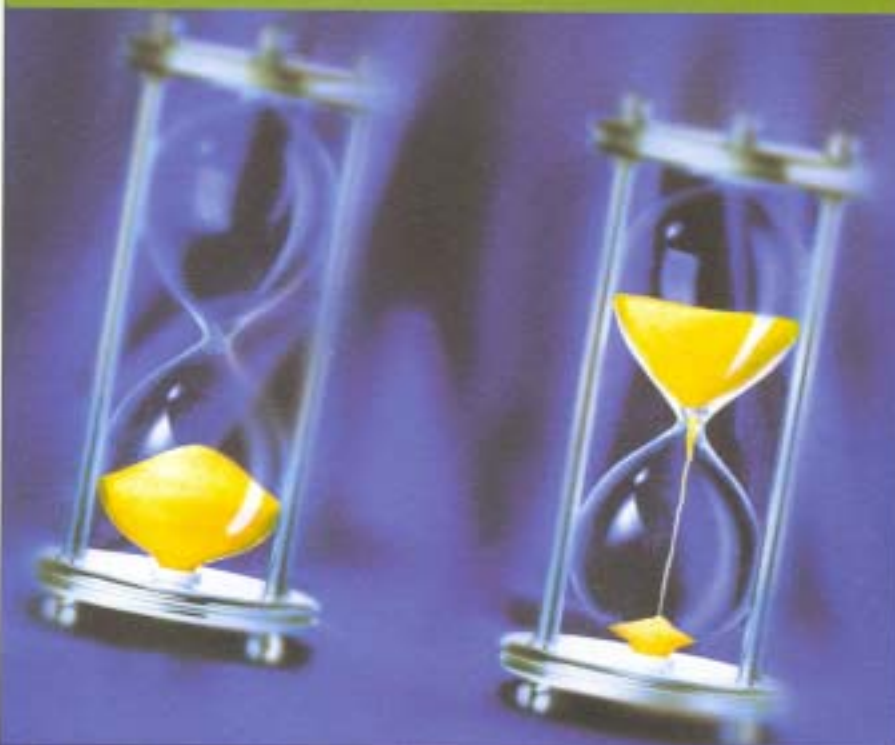
Termino, propondo a seguinte divisa para NCPAmbn / CSM "Sem ambiente, não há paz nem guerra, não há futuro!"

Major SGE José Faustino Esteves Fernandes * Chefe do NCPAmbn/ CSM e Of Lig /BMI * Jan2001

CAIXA

Ordenado

Dê a volta ao seu ordenado



Adira ao Caixaordenado!

Crie novas funcionalidades na sua conta à ordem:

• Antecipação do Ordenado;

• Seguros Exclusivos: Protecção Ordenado, Multicobro, Top-Falácia, PPS, Saúde e Assistência Médica Emergência.

BENEFICIE DE BÔNUS NA TAXA DE JURO DO CRÉDITO PESSOAL E DE MUITAS OUTRAS VANTAGENS.

Depois de o qualificar Agente do CSM de para informações clique no 21 750 75 00, ou e-mail: caixaordenado@caixa.pt ou no nosso site: www.caixa.pt



Caixa Geral
de Depósitos



SISTEMAS TÁCTICOS DE COMUNICAÇÕES MÓVEIS

Major de Tm (Eng^o) Manuel Carvalho Vinhas – Cmdt da CTm/BMI

A evolução das tecnologias de informação, dos conceitos doutrinários e dos equipamentos estão alterar profundamente o tradicional emprego dos sistemas de comunicações tácticos de apoio ao Comando e Controlo (C2).

O Comandante de uma Brigada/Batalhão necessita de um eficiente sistema C2 e meios para rapidamente receber ordens desde os altos escalões e difundi-las para as suas unidades subordinadas em tempo oportuno. Um PC de Brigada/Batalhão é altamente móvel e deverá depender obviamente de sistemas de comunicações que suportem a mobilidade requerida.

Cabe às Unidades de Transmissões proporcionar soluções tecnológicas e o emprego dos meios para assegurarem uma filosofia de utilização comum de um sistema de comunicações numa determinada Área de Operações.

Qual a solução?

Basicamente, criar 5 “pilares de comunicações” dispersáveis desde Escalões de CE a Brigada/Batalhão baseados nas seguintes parâmetros – Cobertura de Área, Acesso Filar aos Utilizadores, Terminais Fixos dos Utilizadores, Terminais Móveis dos Utilizadores, Controlo e Gestão do Sistema de Comunicações - abandonando-se o tradicional sistema de comunicações de Área Divisionário surgindo um novo sistema de comunicações táctico designado por MSE – Mobile Subscriber Equipment.

Uma cobertura electrónica de área é

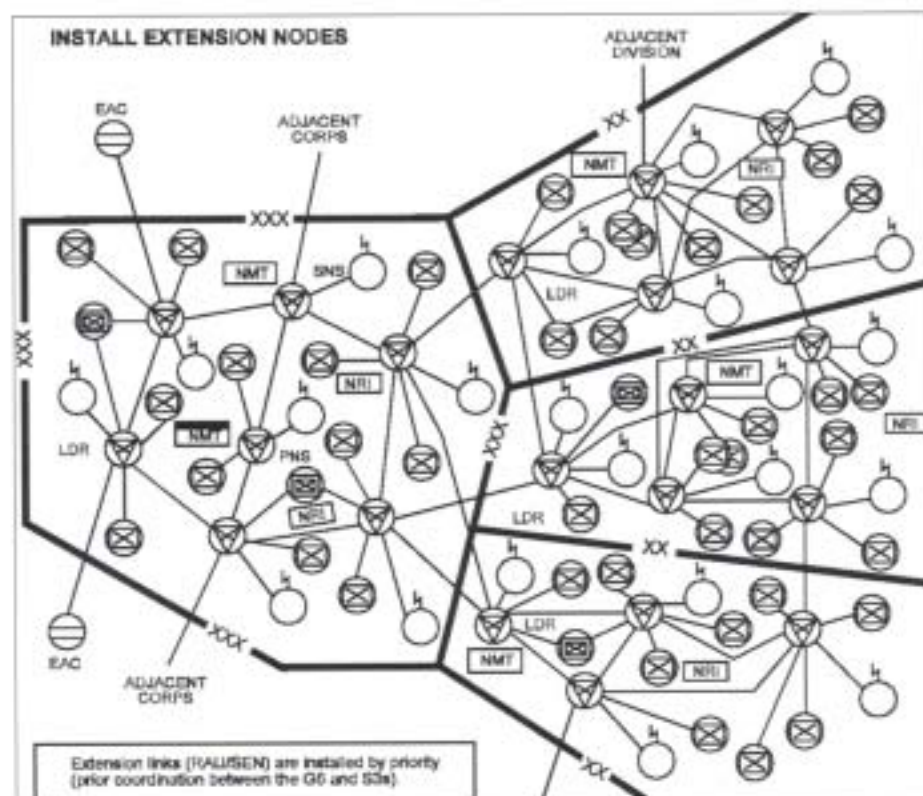


Fig 1 – Cobertura Nodal de um Corpo de Exército

efectuada através de centros nodais de comunicações interconectáveis formando um backbone, os acessos filares permitem o interface entre os equipamentos dos utilizadores (por eles operados) e os nós.

Os terminais fixos dos utilizadores são Telefones Digitais Seguros e não Seguros, Faxes e Terminais de dados (“Computadores Portáteis”) enquanto que os “cell phone of the battlefield” e a sua integração nos Pontos ou Unidades de Acesso Rádio formarão o sistema de acesso móvel, permitindo que qualquer utilizador tenha acesso a uma rede em qualquer ponto da Área de Operações. Estas Unidades de Acesso Rádio, distribuídas na Área de Operações, por forma a garantir a máxima cobertura, ligar-se-ão aos Centros Nodais através de Feixes Hertzianos.

O Controlo e Gestão do sistema será da res-

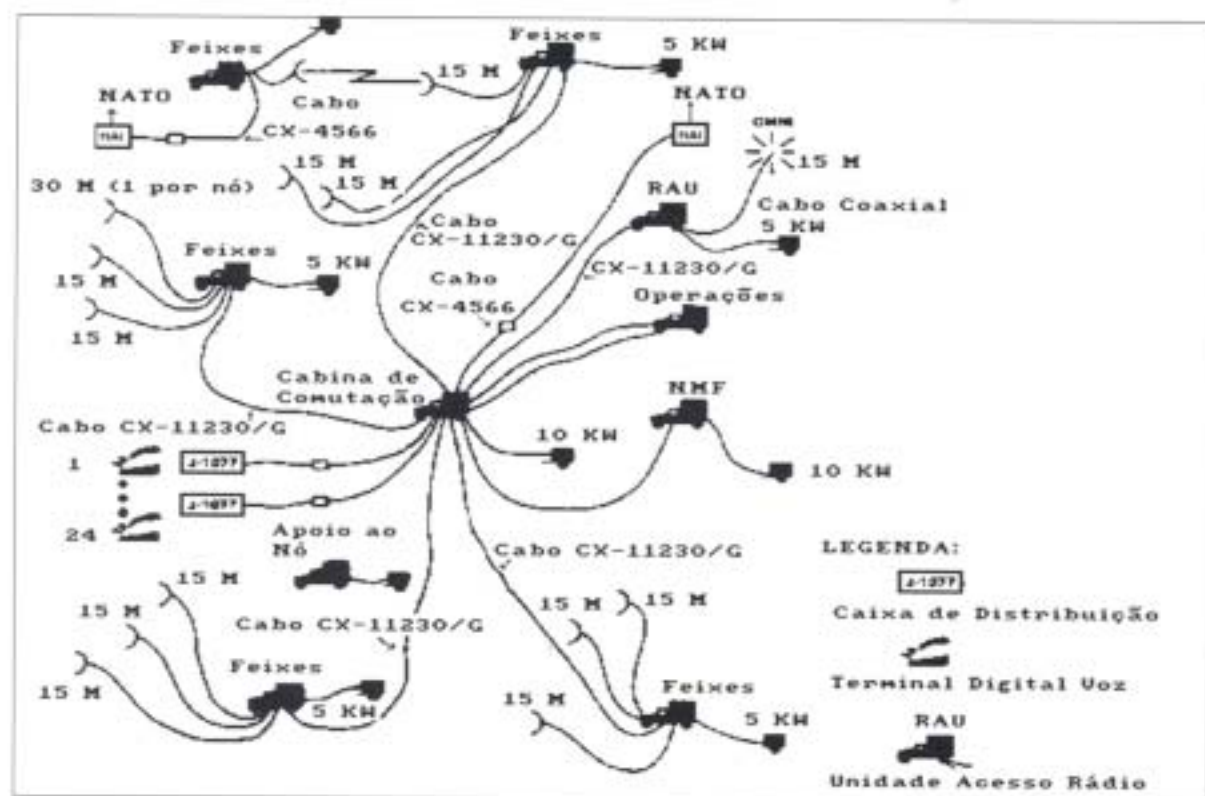


Fig 2 - Exemplo de um Centro de Comunicações Nodal

ponsabilidade do Batalhão/Companhia de Transmissões, que funcionará como "Operadora de Telecomunicações", gerindo a rede, ativando,

desativando e reconfigurando a mesma de acordo com a situação tática e o fluxo de ordens recebidas através da cadeia de comando.

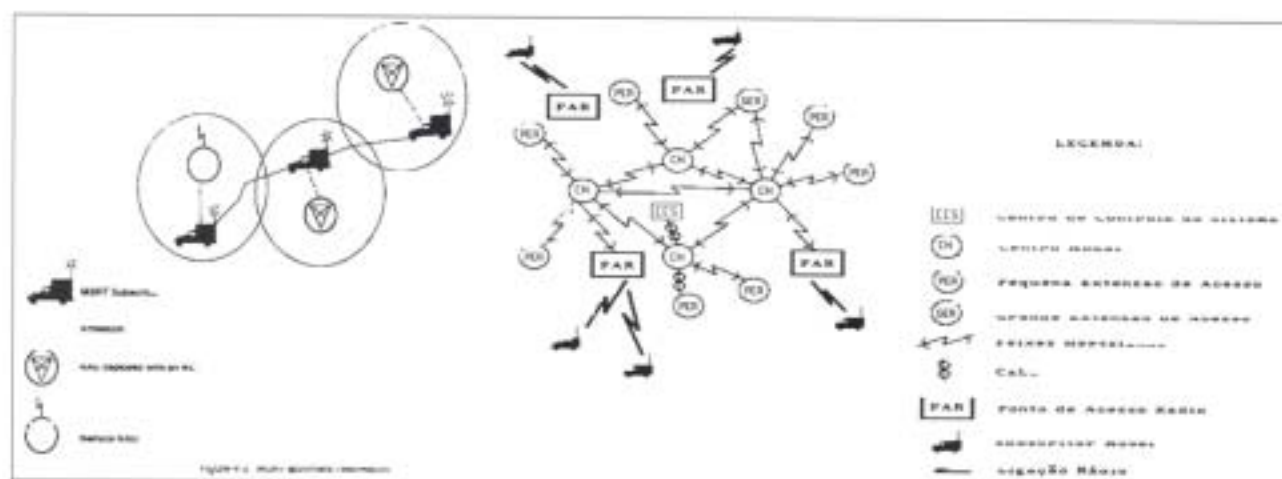


Fig 3 - Subscritores Móveis

Para saber mais:

<http://www.adtdl.army.mil/cgi-bin/atdl.dll?type=fm&school=ANY>
 FM 11-55 – Mobile Subscriber Equipment (MSE)
 FM 11-43 – Signal Leader's Guide



Radar AN/PPS 5-B

1. INTRODUÇÃO

O AN/PPS 5-B é um radar portátil, podendo ser alimentado por uma bateria (BB-643/U) ou por um conjunto veicular de 24 volts, para ser utilizado na vigilância do campo de batalha, localizando e identificando alvos móveis terrestres até à distância máxima de 10 Kms.

É empregue na vigilância afastada de espaços não observados (zonas mortas), áreas importantes e eixos de aproximação.

Só detecta alvos em linha de vista, não penetrando vegetação densa, construções, muros e elevações.

Requer a utilização de bússola, carta topográfica (esc. 1/50.000), transferidor de vigilância M16 e elaboração de carta de vigilância.



a. Componentes

- Contentor à prova de água até à profundidade de 1 metro num período máximo de 2 horas;
- Tripé;
- Coluna;
- Estojo de armazenamento:
 - a) Antena;
 - b) Telescópio;
 - c) Estacas de fixação;
- Emissor/ Receptor;
- Pannel de controlo;
- Cabo de ligação ao pannel de controlo;
- 2 auscultadores;
- Bateria recarregável;
- Reflectores de antena;
- Transformador para alimentação veicular;
- Cabo de derivação para sistema veicular;
- Capa de observação;
- Berço veicular.



b. Características

ALCANCE	Máximo	Sem painel de controlo	Viaturas	➤	5 Kms
			Pessoal	➤	3 Kms
		Com painel de controlo	Viaturas	➤	10 Kms
			Pessoal	➤	6 Kms
	Mínimo				

DIRECÇÃO	Campo de observação de 0 - a 6400 - (mils)				
	- 4 sectores de vigilância programados				533- (mils)
					1067- (mils)
					1600- (mils)
					1951- (mils)

ELEVAÇÃO	De -600- a +400- (mils)
----------	-------------------------

APRESENTAÇÃO DO OBJECTIVO	Em 4 formas:				
	1	Ponto brilhante no mostrador B			
	2	Onda no mostrador A			
	3	Sinal áudio nos auscultadores			
	4	Deflexão da agulha do Galvanómetro ou "Test-Meter"			

c. Segurança

Não permanecer em frente da antena, a uma distância inferior a 60cm por um período superior a 10 minutos, durante o funcionamento, em virtude da radiação electromagnética em alta frequência, provocar queimaduras fatais aos órgãos internos.

2. POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES

A energia emanada pelos radares, pode penetrar nas camuflagens ligeiras, nas cortinas de fumo, neblinas, chuviscos, flocos de neve, escuridão e folhagem pouco densa.

Contudo, as grandes chuvadas ou nevoeiros extremamente densos restringem seriamente as possibilidades deste tipo de equipamento.

Porque os radares de vigilância terrestre têm como objectivo detectarem somente alvos fixos ou que se desloquem no terreno, na sua grande maioria, são ineficazes na detecção de aeronaves, a menos que elas voem junto ao solo.

Este equipamento é vulnerável aos sistemas electrónicos de detecção e de empastelamento e por outros meios de decepção.

3. EMPREGO TÁCTICO

Este equipamento encontra-se na Secção de Vigilância do Campo de Batalha (Sec VCB), da Companhia de Apoio de Combate (CAC), do Batalhão de Infantaria Mecanizado (BIMec), e pode ser utilizado em todos os tipos de operações tácticas.

Tem a capacidade de executar várias tarefas, incluindo:



- Pesquisa a horário, contínua ou inopinada afim de observar movimentos de ameaça nos eixos de aproximação, prováveis bases de ataque, zonas de reunião, etc;
- Localização de alvos pontuais em pontes, desfiladeiros, nós rodoviários e informar a quantidade, tipo e direcção do movimento;
- Aumentar as possibilidades de observação das patrulhas permitindo que elas vigiem pontos ou áreas de especial importância a grandes distâncias
- Ajudar a observação das Unidades, no controlo das mesmas em períodos de visibilidade limitada;
- Determina a velocidade de movimento dos alvos;
- Aumenta a precisão dos fogos de apoio, através do grau de precisão com que podem ser referenciados pelo radar.

Para retirar o máximo potencial deste tipo de equipamento é necessário que as equipas de radares estejam bem treinadas, que conheçam a missão e o esquema de manobra da Unidade apoiada, e qual o tipo de alvos que provavelmente possam aparecer na área de operações.

Às equipas de radares devem ser atribuídos sectores de vigilância, o grau de sobreposição entre equipas e a frequência com que elas devem fazer a cobertura do sector.

O OfInfo do Batalhão aconselha o Comandante na melhor forma de utilizar os radares de vigilância, atribui missões à Sec VCB, em A/D ao batalhão, bem como as áreas e os métodos de vigilância.

Cada equipa transmite as informações ao OfInfo, o qual as envia às unidades subordinadas e à Brigada.



SITREP

CERIMÓNIAS DE JURAMENTO DE BANDEIRA DOS 3º E 4º T/OO



Esta cerimónias, em que cerca de duas centenas de soldados recrutas do Grupo B dos 3º e 4º Turnos / 2000 efectuaram o seu Juramento de Bandeira, decorreram, respectivamente, nos dias 04AGO00 e 27OUT00 no largo de S. JORGE (CMSM) tendo ambas sido presididas pelo Exmo Major General Jorge Silvério, Comandante do CMSM e da BMI.

1ª SEMANA DA JUVENTUDE DE ABRANTES

Decorreu entre os dias 5 e 10 de Setembro no Fórum Empresarial (ex. Pavilhões da Químigal) em Alferrarede, a 1ª Semana da Juventude de Abrantes, evento a que o CMSM/BMI acedeu participar com uma exposição representativa das principais actividades do Campo e da Brigada.

VISITA DO MGEN CMDT DA BMI AO 2º BIMec/SFOR



Decorreu nos dias 2 a 6 de Outubro 2000 uma visita ao 2º BIMec/SFOR II, em Visoko, Bósnia Herzegovina, do Cmdt do CMSM/BMI, Mgen Jorge Silvério, que foi acompanhado pelo CEM, TCor Rui Moura e SMor Jaime Alves, com a finalidade de o Comando da BMI se inteirasse no terreno das suas condições de funcionamento e vivência desta FND.

INSPECÇÃO CFE

Em 10Out00 a BMI foi sujeita a uma inspecção no âmbito dos tratados sobre Forças Armadas Convencionais na Europa (CFE), contemplados no Documento de Viena assinado em 28Nov94 e ratificado por Portugal.

A inspecção foi efectuada por 15 oficiais da Federação Russa, chefiada pelo Coronel EUGUE-NI IVANOVITCH KALINTCHOV, sendo acompanhados por uma equipa de UNAVE (PO) e incidiu sobre o material pertencente à BMI.

A equipa de inspecção abandonou o CMSM



no mesmo dia em que teve lugar a inspecção, após ter elaborado o seu relatório final.

VISITA DO PRESIDENTE DA C.M.CONSTÂNCIA AO 2º BIMec/SFOR ACOMPANHADO PELO 2º CMDT DA BMI



Dia 12OUT00, no decorrer desta visita, comemorou-se o 1º aniversário do menino Adnan Mevic, aquele que é considerado pela ONU como o "bebé seis mil milhões", tendo o Presidente da CM Constância, Sr António Mendes, sido convidado pelos pais a ser o padrinho da criança.

EXERCÍCIO ARCO 02

Este exercício desenvolveu-se entre os dias 16 e 28 de Outubro, num cenário de guerra convencional e decorreu em três fases, em que numa primeira fase com tropas no terreno (FTX) foram treinados procedimentos no âmbito de operações defensivas convencionais, uma segunda fase, sob a forma de simulação, em que foram treinados procedimentos relativos a outro tipo de operações envolvendo os diferentes escalões de comando (CPX-JG) e que contou com a participação de uma célula de um Batalhão espanhol, na sequência dos compromissos assumidos por Portugal no âmbito dos EM/PE-NINSULARES.



Na terceira fase, dia 28 de Outubro, realizou-se

uma sessão de fogos reais envolvendo meios de artilharia de campanha, morteiros pesados, míssil anti-carro TOW, carros de combate e metralhadora pesada.

VISITA DO EXMO GENERAL COMFAT(Fr)



Em 18Out00 visitou o CMSM e a BMI, acompanhado pelo Gen COFT (PO), o Exmo General Comandante da Força de Acção Terrestre Francesa (COMFAT), General PIERRE FORTERRE. A visita enquadrou-se no âmbito da cooperação denominada "AU PAIR" assumida entre Portugal e outros Países Europeus. O Exmo General FORTERRE, no fim da sua visita, manifestou o seu agrado pelo que viu no CMSM e pela forma como foi por nós recebido.

VISITA DO MGEN CMDT DA BMI AO AGR DELTA/KFOR

Decorreu nos dias 7 a 10 de Novembro 2000 uma visita ao Agr DELTA/KFOR, em Klina, Kosovo, do Cmdt do CMSM/BMI, MGen Jorge Silvério, que foi acompanhado pelo CEM, TCor Rui Moura e SMor Gregório Lopes (RC4), com a finalidade de o Comando da BMI se inteirasse no terreno das condições de funcionamento e vivência desta FND.

SEMINÁRIO DO BapSvc

Inserida no âmbito dos Encontros Jornadas 2000 da BMI decorreu nos dias 22NOV e 29NOV00 o Seminário do BapSvc/BMI em que foram abordados os seguintes temas:

22NOV - "O Serviço de Saúde e as Missões no Exterior" palestra proferida pelos Cor Med Donato Ramos e TCor Med Jorge Machado do HMP.

29NOV - "O Sistema de Transportes no Exército" e "O Sistema Informático ADAMS", proferida pelo Major Alexandre Reis da RET/ ChST.

CONCURSO DE PRESÉPIOS

Realizou-se no dia 14DEC00 e teve um total de 12 participantes. É de salientar a excelente qualidade de todos os presépios, exemplares pela sua simplicidade e autenticidade. Avaliados segundo os critérios de originalidade, espiritualidade, empenhamento, especificidade, ambiente e perspectiva nocturna, previamente definidos, a classificação final foi a seguinte:

1º - Quartel da Artilharia



2º - Companhia de Engenharia



3º - Centro de Finanças



4º - Regimento de Cavalaria nº4



5º - Escolas do CSM



FESTA DE NATAL DO CSM



Dia 18DEC00 realizou-se no cinema a Festa de Natal do CSM destinada essencialmente aos filhos de todos os militares e civis

que prestam serviço no Campo e respectivas famílias, incluindo as dos militares incluídos nas FND na Bósnia Herzegovina e Kosovo. Do programa constou uma Celebração de Natal na igreja do CSM, a participação das Escolas do CSM, a actuação de um Circo e um lanche nas Unidades respectivas com distribuição de prendas de Natal.

SEMINÁRIO DO GAC

Decorreu no dia 19Dec00, no Quartel da Artilharia da Brigada Mecanizada Independente, sob a presidência do Exmo Cmdt da BMI, a "Jornada de Fogos Indirectos 2000" no qual

estiveram presentes para além dos Oficiais e Sargentos do GAC e da BAAA, os Comandantes ou representantes de Unidades da BMI, EPA, GAC/BAI, GAC/BLI, AM e IAEM.

O programa constou de um conjunto de actividades artilheiras de interesse geral e do qual se destacaram duas palestras subordinadas aos temas:

"A aquisição de objectivos no Sistema de Artilharia de Campanha" proferida pelo Maj. Art. Mendes Dias do CMD INST.

"O apoio de fogos no combate em profundidade" proferida pelo Cap. Art. Costa Salgado do GAC/BMI.

Do programa constou ainda a apresentação do sistema de simulação de tiro INVERTRON, que se destina ao treino dos observadores avançados de todas as armas de tiro indirecto que equipam o Exército Português.



VISITA DO VICE CEME

Em 04JAN01 o Exmo VCEME TGen Garcia Leandro visitou o CMSM/BMI pela primeira vez nas suas actuais funções. Do programa da visita constou a prestação das honras regulamentares, apresentação de cumprimentos na biblioteca do Quartel General, apresentação de um briefing pelo Exmo MGen Silvério, Cmdt do CMSM/BMI. De seguida visitou algumas instalações por forma a se inteirar do muito que ainda há a fazer, apesar dos investimentos feitos nos últimos anos.

Após o almoço visitou o Agrupamento ECHO que se encontrava a executar o seu exercício final de aprontamento (TIGRE 02) tendo em vista a sua futura missão como FND na Bósnia-Herzegovina.

EXERCÍCIO TIGRE 02



Neste exercício, que se realizou na área do Campo Militar de Santa Margarida, de 4 a 10 de Janeiro, preten-

deu-se simular o mais fielmente possível a situação actual no Teatro de Operações da Bósnia-Herzegovina e assim proporcionar ao Agrupamento ECHO/SFOR as melhores condições de instrução e treino para completar a sua fase de aprontamento por no primeiro semestre de 2001 passar a constituir a Componente Terrestre da Reserva Operacional da Força Multinacional de Estabilização de Paz (SFOR), localizada na cidade de Visoko, nessa zona dos Balcãs, em substituição do 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado da BMI.

CERIMÓNIA DE RECEPÇÃO DO 2º BIMec/SFOR E DE JURAMENTO DE BANDEIRA DOS SOLDADOS DO 1º TURNO-B/01



No passado dia 8 de Fevereiro realizou-se no Campo Militar de Santa Margarida

(CMSM)/BMI a cerimónia de recepção do 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado (2ºBIMec)/SFOR

e de Juramento de Bandeira dos soldados do 1º Turno B de 2001 que receberam Instrução Básica em Unidades do CMSM.

Esta cerimónia foi presidida pelo CEME, General Martins Barrento que acerca da mesma referiu o seguinte, em mensagem enviada ao CMSM/BMI: *"Ao Comandante da BMI: apresento ao meu General as minhas felicitações pela magnífica cerimónia a que tive o privilégio de presidir e permitiu receber o 2º BIMec com a dignidade que a Unidade merece face à forma como cumpriu a sua missão na Bósnia, e simultaneamente fazer o Juramento de Bandeira dos Soldados Recrutados da Brigada."*

"Peço informe comandantes das Unidades do orgulho que sinto em ser comandante do Exército do qual faz parte esta grande Unidade e estes militares".



VISITA DO GEN CEME

Em 09JAN01 o Exmo General Martins Barrento, Chefe do Estado Maior do Exército deslocou-se à

Brigada Mecanizada Independente acompanhado do Exmo TGen Abrantes dos Santos, Comandante do COFT, a fim de se inteirarem acerca do aprontamento do Agrupamento ECHO, que nesta data se encontrava a realizar o exercício final de prontamento-Exercício TIGRE 02.

ENTREGA DO EN E GUIÃO AO AGR ECHO



Em 19JAN01 decorreu, nas instalações do 1º Batalhão de Infantaria Mecanizado/BMI, a cerimónia de entrega do Estandarte Nacional e do Guião de Unidade ao

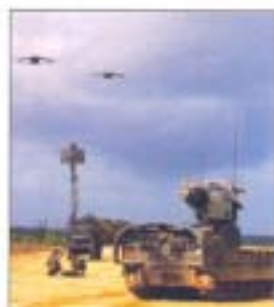
Agrupamento ECHO/SFOR, presidida pelo Exmo General Martins Barrento, Chefe do Estado Maior do Exército.



DIA FESTIVO DA BtrAAA



A Bateria de Artilharia Antiaérea comemorou o seu dia Festivo no passado dia 31 de Outubro, na pista de aviação do CMSM, tendo a Cerimónia Militar sido presidida pelo Major General Comandante do Campo Militar e da Brigada.





EXERCÍCIO DYNAMIC MIX 2000



Decorreu no período compreendido entre 22 de Maio e 03 de Junho de 2000, em Persano - Itália (Aquadelamento "Pasquale Capone") o exercício "Dynamic Mix



2000". Este foi o mais importante exercício NATO do corrente ano, tendo sido dirigido e coordenado pelo Comando em Chefe das Forças Aliadas do Sul da Europa. O exercício constou de duas situações operacionais:

1 - FTX na Grécia e Turquia onde se desenvolveu uma situação de guerra convencional;

2 - CPX em Itália que enquadrou uma situação de Ajuda Humanitária e na qual a representação Nacional se integrou. Esta parte do exercício teve por sua vez as seguintes fases:

De 21 a 24 de Maio - instalação dos participantes;

• De 25 a 27 de Maio - mini exercício de treino, sendo o dia 28

reservado à reconstrução do cenário para reinício do Exercício;

De 29 a 2 de Junho - realizou-se o exercício propriamente dito, tendo sido o dia 2 de Junho dedicado aos observadores e Visitantes;

De 3 a 5 de Junho - fase de retracção das forças.

Estiveram presentes forças navais, aéreas e terrestres de catorze nações NATO - Bélgica, República Checa, Dinamarca, França, Alemanha, Grécia, Hungria, Holanda, Portugal, Espanha, Turquia, Reino Unido e Estados Unidos - que operaram, lado a lado, na Grécia, Itália e Turquia assim como nos céus e águas do Mediterrâneo. O DM-00 marcou a primeira participação da Turquia, depois de várias décadas de ausência, com a inclusão de aviões e tropas como parte da força NATO na Grécia, o que demonstrou o contínuo desenvolvimento da interoperabilidade da NATO.

Os vários Comandos, da região Sul, da Nato, num total de 15.000 homens, 65 navios e 290 aviões, tiveram a oportunidade de treinar os procedimentos NATO e com estas acções fortalecer ainda mais a sua interoperabilidade.

Este exercício foi dirigido pelo Comandante em Chefe das Forças Aliadas no Sul da Europa, Almirante James O. ELLIS Jr., dos Estados Unidos (CINCSOUTH), sendo a parte do exercício que teve lugar em Itália, conduzida pelo General Giuseppe ARDITO (COMJCSOUTH), simultaneamente o Comandante das Forças Conjuntas do Sul da Europa (cujo quartel General é em Verona) e Comandante Operacional das Forças Terrestres Italianas.

Participou ainda pela primeira vez em Exercícios desta envergadura, a Hungria, sob comando do COMJCSOUTH. Este Comando foi assistido na condução do exercício por um staff multina-

cional que compreendeu militares da Alemanha, Grécia, Hungria, Itália, Portugal, Espanha, Turquia, Reino Unido e Estados Unidos, chefiados pelo Major General Inigo Perez Navarro, do Exército Espanhol, como Chefe de Estado-Maior.

Na área militar de Persano, estiveram instalados aproximadamente 800 militares de todas as Armas e Serviços, bem como de todos os postos e graduações das várias Nações participantes.

O cenário escolhido para a "Fase 2" do exercício, teve como objectivo principal a condução de uma operação de ajuda humanitária em apoio às populações dum estado imaginário designado por DISASTERLAND e cuja capital era Eboli. Foi instalado na região de Persano, um campo de refugiados com a capacidade para 5 mil pessoas, com área de recepção, enfermarias, armazéns e acomodação para as famílias, etc. cabendo ao exército italiano a responsabilidade de construção deste campo. A escolha do Sul de Itália para a realização deste tipo de operações, não é alheia ao facto de ultimamente, esta região ter sido palco da chegada de grande número de refugiados, vindos de países vizinhos.

A presença portuguesa, num total de 23 militares (11 oficiais e 12 sargentos), dividiu-se pelos vários níveis da estrutura (incluindo elementos de ligação ao Comando da Brigada em que a força portuguesa estava integrada



bem como oficiais no CJ6 e no PIO do COMJCSOUTH), sendo no entanto a sua maior parte baseada em pessoal da Brigada Mecanizada Independente, nomeadamente do Batalhão de Apoio de Serviços que constituiu uma célula composta pelo Comando e Estado-Maior do Batalhão e representantes das suas sub-unidades, cuja missão era a de

prestar apoio de serviços a uma Brigada multinacional. Esta Brigada era composta por três unidades de escalão Batalhão (um BatInf Italiano, um BatInf Polaco e um Batalhão de Engenharia Italiano). Não querendo tornar um lugar comum as afirmações seguintes, creio não ser de mais salientar o contributo que este género de acti-

vidades proporcionam na consolidação do espírito de corpo entre todos os membros da representação nacional e o reforço das relações profissionais que o intercâmbio com camaradas de outros países proporciona, cuja troca de experiências muito nos vem enriquecer.

Novas Funções

CHEFE DA 4ª SEC/QG



02MAI00

Maj Infº Caldas da Silva

CHEFE DA 1ª SEC/QG



10MAI00

TCor Infº Barros Duarte

PREBOSTE



11MAI00

Cap Cav Manuel Gaspar

CHEFE DA SHRP



11JUL00

TCor Art Paulo Teixeira

CHEFE CSAÚDE



14JUL00

TCor Med Gonçalves Mendonça

CHEFE CTP/CINFOR



14JUL00

Maj Tm Artur Soares

CHEFE SECRET.REAB



14JUL00

Maj AM Alves Rodrigues

CHEFE DA SIEM



10AGO00

Cap Eng Donário Veríssimo

CMDT DO BCS



16AGO00

TCor Inf Garcia Simões

CMDT DO GAC



05SET00

TCor Art José Feliciano

CEM/QG/CMSM/BMI



14SET00

TCor Inf Baptista Moura

CMDT DA CCS/BMI



15SET00

CapInf António Ferreira

CHEFE DA 2ª SEC/QG



23JAN01

TCor Inf Atanásio Lourenço

CMDT GCC



05MAR01

TCor Cav Xavier de Sousa

CHEFE DA 3ª SEC/QG



05MAR01

TCor Inf Mendes Ferrão

CMDT 2.ª BI Mec



MAR01

TCor Inf Isidro Pereria

Escola Primária do CMSM



Éste bom ...
 Éste bom em Setembro volta à escola.
 Trázer material novo: corrector,
 canetas de todas as cores, canetas azuis,
 lápis de cor e de preto, afio a borracha e
 Régua, enquadro, compasso e transferidor.
 Tudo guardado num estojo engrasado.
 E na mochila os livros acabados de comprar.
 E este bom conhece os colegas novos
 e os do ano passado encontram-se.
 Trabalho colectivo dos alunos da escola Brásica 1.º e 2.º de
 Malpique, Campo Militar de Santa Margarida

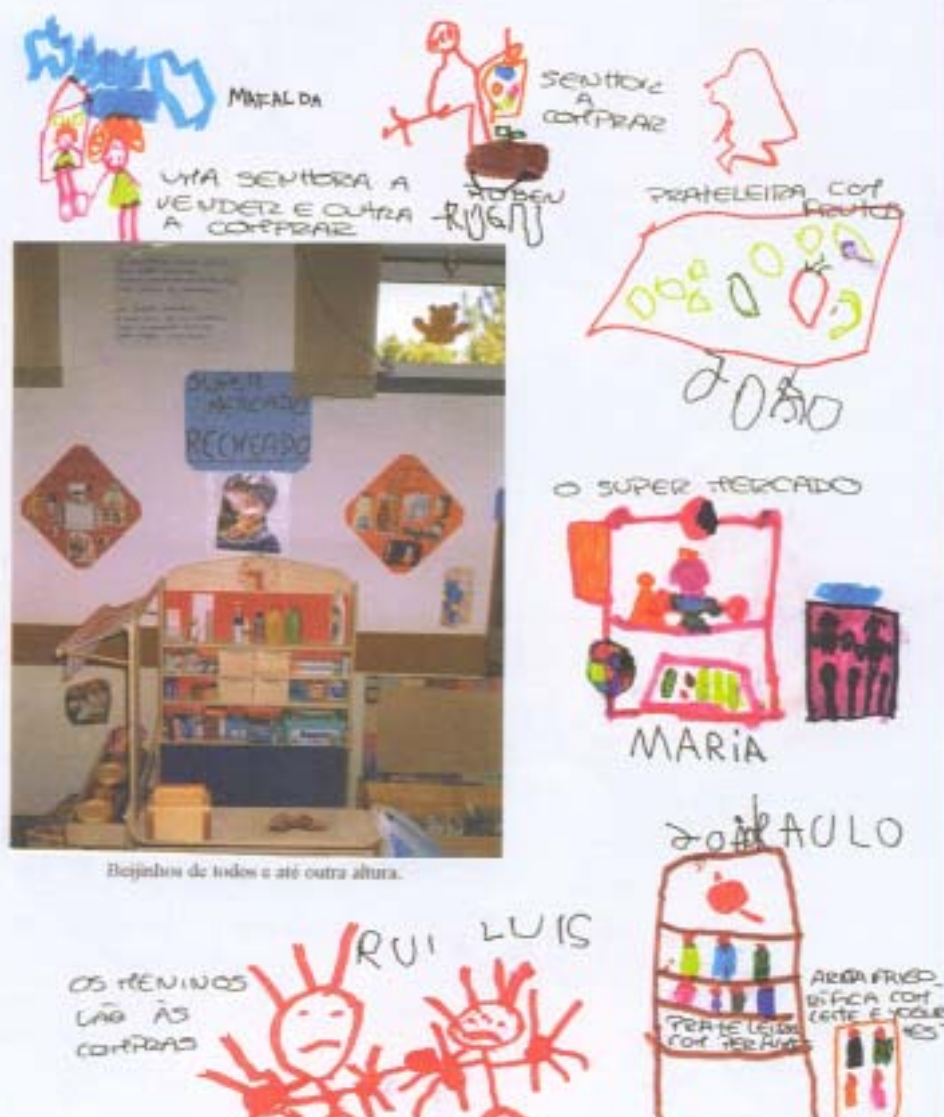
Jardim de Infância do CMSM



Cá estamos de novo a dar notícias nossas. Este ano lectivo, estamos na sala 20 meninos; 7 de 5/6 anos, 7 de 4 anos e 6 de 3 anos.

Foi no dia 11 de Outubro de 2000, que houve um acontecimento na nossa sala, a inauguração do Super Mercado Recheado. Foram convidados os encarregados de educação e os meninos da Escola do 1.º Ciclo e da Creche de Campo Maior.

Aqui vão os nossos registos.



Educação Física e Desportos



PROVAS DA AVENIDA D. NUN'ÁLVARES PEREIRA

Em 20JUL00 e 12Out00 realizaram-se as 26ª e 27ª Edições da tradicional Prova da Avenida D. Nun'Álvares Pereira.

Prova muito acarinhada desde

a sua primeira edição, em 1994 conta, como vem sendo hábito desde então, com a adesão maciça de todos aqueles que servem no CMSM e na BMI, e

que, animados de um espírito desportivo correm os cerca de 2390m do seu percurso.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

XXVI EDIÇÃO DA CORRIDA DA AVENIDA D. NUN'ÁLVARES PEREIRA - 20Jul00

CLASSIFICAÇÃO INDIVIDUAL							CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS
MASCULINOS				FEMININOS			
ESC "A"	ESC "B"	ESC "C"	ESC "D"	ESC "A"	ESC "B"		
1º	2CB CALDEIRA do 2BIMec	CAP CALDEIRA do 1BIMec	MAJ ANTUNES do 1BIMec	MAJ SANTOS do BApSvc	SOLD VARELA do 2BIMec	2SAR LAMAS do BApSvc	BApSvc
2º	SOLD FURTADO da BAAA	SCH AMBRÓSIO do BApSvc	SAJ BENTO do RC4	-	FUR CALDAS do BApSvc	1SAR SANTOS do BApSvc	2BIMec
3º	2CB MACEDO do 2BIMec	1SAR SILVA da CEng	SAJ FERREIRA do BCS	-	FUR TALHAS do GAC	1SAR PEREIRA do BApSvc	1BIMec



XXVII EDIÇÃO DA CORRIDA DA AVENIDA D. NUN'ÁLVARES PEREIRA - 12Out00

CLASSIFICAÇÃO INDIVIDUAL							CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS
MASCULINOS				FEMININOS			
ESC "A"	ESC "B"	ESC "C"	ESC "D"	ESC "A"	ESC "B"		
1º	SOLD NUNES do 1BIMec	SCH AMBRÓSIO do BApSvc	CAP PINTO do BApSvc	MAJ SANTOS do BApSvc	FUR CALDAS do BApSvc	1SAR VIDINHA do BApSvc	BApSvc
2º	SOLD ALVES da BAAA	1SAR SILVA da CEng	MAJ ANTUNES do 1BIMec	-	1SAR VARA do BApSvc	1SAR PEREIRA do BApSvc	1BIMec
3º	SOLD SILVA do GAC	TEM SANTOS do 1BIMec	TCor MENEZES do 1BIMec	-	ASP DUARTE do GAC	-	GAC



ATLETA DO SEMESTRE

Dando seguimento ao espaço "ATLETA DO SEMESTRE", pela primeira vez publicado na edição de Out2000 desta revista, para o 1º semestre de 2001 foi seleccionado o 1º SAR SMat ANTÓNIO FREIRE, da CEng



Nome: ANTÓNIO RODRIGUES DE JESUS FREIRE

Posto: 1º SAR SMat

NIM: 09942084

Unidade: CEng

Data de Nascimento: 07Out63

Natural de Lourenço Marques (Moçambique)

Ingressou nos quadros do Exército em 03Jan82 estando colocado na CEng/BMI desde 22Nov93.

- Várias vezes vencedor absoluto das Provas da Avenida, detém o Record do II Esc;
- Participou, por duas vezes, na Dupla légua do RI2 tendo-se classificado, em ambas, no 2º lugar da geral;
- Desde 1995 que é campeão do Exército de corta-mato tendo sido 2º classificado em 1993 e 1994;
- Desde 1993 que participa no corta-mato das FA's, em representação do Exército, tendo como melhor classificação de sempre um 6º lugar, obtido em 1997;
- Na disciplina de corta-mato fez, por duas vezes, parte da selecção militar portuguesa, que disputou os campeonatos do mundo (CISM) realizados no Senegal e na Irlanda;
- Participou ainda em vários campeonatos militares de pista, fases Exército e Forças Armadas, nas disciplinas de 3000m e 5000m;
- É atleta federado correndo em representação de um clube civil, nas diversas provas nacionais e internacionais do calendário da Federação Portuguesa de Atletismo;

CAMPEONATO DESPORTIVO MILITAR DE CORTA-MATO 2000 / FASE EXÉRCITO

Realizou-se em 02 e 03Nov00, na Escola Prática de Artilharia, o campeonato de corta-mato, fase Exército, integrado no programa de Campeonatos Desportivos Militares.

Participaram cerca de 210 Militares em representação de todas as Regiões, Zonas e Comandos Territoriais:

RMN; GML; RMS; ZMA; ZMM; CMSM; CTAT.

No plano extra desportivo salienta-se o esforço despendido pela EPA no sentido de bem receber todos os participantes neste evento e ainda os bons momentos de camaradagem vividos entre todos aqueles que tomaram parte neste campeonato.

No plano desportivo deve salientar-se o elevado nível dos campeonatos tendo, a maioria das delegações, efectuado estágios prévios de preparação das suas equipas representativas algumas, inclusivé, no local da prova.

Das classificações individuais obtidas pela

Equipa Representativa do CMSM e da BMI destacam-se:

Corta-mato curto masculino

Sold NUNO NUNES - 5º classificado; 1CB

ELÍDIO ROQUE - 6º classificado.

Corta-mato curto feminino

FUR SANDRA CALDAS - 5º classificado

Por equipas, o CMSM classificou-se em 2º lugar no 1º escalão do corta - mato curto masculino.

Os Militares referidos anteriormente foram seleccionados para integrar a Equipa representativa do Exército.

Para finalizar e atendendo à preparação efectuada, que se limitou ao treino individual diário dos Militares convocados, creio que a nossa participação foi muito meritória. Por outro lado, atendendo ao seu potencial humano, julgo que o CMSM e a BMI têm capacidade e obrigação de fazer muito melhor!

CAMPEONATO DESPORTIVO MILITAR DE CORTA-MATO

- FASE REGIONAL

Decorreu entre 28 e 29Set00 no CMSM a fase regional do campeonato desportivo militar de corta-mato.

Este evento foi exemplarmente organizado pelo GAC e contou com a participação de 82 Militares masculinos e 12 femi-

ninos, em representação das Unidades do CMSM e da BMI.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

CLASSIFICAÇÃO INDIVIDUAL / CORTA-MATO CURTO

	MASCULINO					FEMININO	
	I ESC	II ESC	III ESC	IV ESC	V ESC	I ESC	II ESC
1º	SOLD NUNES do IBIMec	1SAR NEVES da BAAA	SAJ ALVES da CCS	CAP HENRIQUES do BApSvc	-	FUR CALDAS do BApSvc	-
2º	1CB ROQUE do GAC	1SAR NEVES da CCS	Tcor MOURA da CCS	CAP ESCABELADO do BApSvc	-	ASP DUARTE do GAC	-
3º	2CB SILVA do IBIMec	1SAR COSTA da BAAA	SAJ MATIAS da CCS	CAP MOUTINHO do BApSvc	-	2FUR OLIVEIRA do IBIMec	-

CLASSIFICAÇÃO INDIVIDUAL / CORTA - MATO LONGO

	MASCULINO				
	I ESC	II ESC	III ESC	IV ESC	V ESC
1º	1CB ROQUE do GAC	1SAR SANTOS do IBIMec	1SAR FREIRE da CEng	MAJ ANTUNES do IBIMec	-
2º	SOLD SILVA do GAC	1SAR SILVA da CEng	SCH AMBRÓSIO do BApSvc	-	-
3º	SOLDMADEIRAS da BAAA	2CB LOURENÇO do GAC	SAJ ELOI do BApSvc	-	-



CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS

	CURTO	LONGO	FEMININO
1º	IBIMec	BApSvc	GAC
2º	GAC	GAC	-
3º	RC4	IBIMec	-



CAMPEONATO DESPORTIVO MILITAR DE NATAÇÃO

- FASE REGIONAL

De 19 a 21Set00 decorreram na piscina coberta do CMSM as provas do Campeonato Desportivo Militar de Natação, evento cujo planeamento, organização e con-

duta esteve a cargo do IBIMec.

No total participaram cerca de 63 Militares, dos quais 10 são femininos, número que permitiu que se atingisse, não só um nível

bastante competitivo, mas igualmente momentos de são convívio e camaradagem.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

CLASSIFICAÇÃO POR PROVAS

	400 m LIVRES	50 m MARIPOSA	50 m BRUÇOS	50 m LIVRES	200 m LIVRES	100 m ESTILOS	4x50 m ESTILOS	50 m COSTAS	100 m LIVRES	4x50 m LIVRES
1º	SAJ ELOI do BApSvc	ISAR RENG do GAC	TEN AZEVEDO do GAC	ISAR RENG do GAC	SAJ ELOI do BApSvc	ISAR LAVADO do GAC	GAC	ISAR RENG do GAC	ISAR RENG do GAC	GAC
2º	ISAR ROSA do BApSvc	ISAR LAVADO do GAC	ICB ROQUE do GAC	ICB ROQUE do GAC	ISAR LAMBUZANA do GAC	TEN AZEVEDO do GAC	BApSvc	ISAR LAVADO do GAC	ICB ROQUE do GAC	BAAA
3º	ISAR LAMBUZANA do GAC	2SAR ALMEIDA do IBIMec	ICB ROCHA da CEng	SOLD PAIVA da BAAA	ISAR ROSA do BApSvc	ISAR SANTOS do BApSvc	CCS	SOLD RODRIGUES da BAAA	SAJ ELOI do BApSvc	IBIMec
1º	CAP CARDOSO do IBIMec	ISAR NEVES da BAAA	TCOR MOURA da CCS	TCOR MOURA da CCS	TEN MACHÁS do GAC	CAP CARDOSO do IBIMec	IBIMec	SAJ MATOS do BCS	ISAR NEVES da BAAA	GAC
2º	MAJ SEQUEIRA BApSvc	ISAR AGOSTINHO do GAC	CAP HENRIQUES do BApSvc	ISAR SILVA do IBIMec	ALF NOBRE do BApSvc	ISAR NEVES da BAAA	BApSvc	CAP CARDOSO do IBIMec	CAP CARDOSO do IBIMec	BApSvc
3º	MAJ SANTOS do BApSvc	CAP VIEIRA do IBIMec	ISAR COSTA da BAAA	ALF NOBRE do BApSvc	ISAR AGOSTINHO do GAC	MAJ SEQUEIRA BApSvc	GAC	ISAR MARÇALO do GAC	CAP HENRIQUES do BApSvc	IBIMec
1º	ISAR CÉLIA PEREIRA do BApSvc	-	ICB OLIVEIRA do BCS	ISAR ALVES do BApSvc	ISAR ALVES do BApSvc	-	BapSvc	ISAR FERREIRA do BApSvc	ISAR ALVES do BApSvc	BApSvc
2º	-	-	ISAR FERREIRA do BApSvc	ICB OLIVEIRA do BCS	ISAR CÉLIA PEREIRA do BApSvc	-	-	ISAR BRAGA do BApSvc	ASP AURÉLIO do GAC	GAC
3º	-	-	2FUR CARDOSO do GAC	ASP AURÉLIO do GAC	ASP AURÉLIO do GAC	-	-	FUR MORAIS do GAC	2FUR CARDOSO do GAC	-

EQ REPRESENTATIVA

EQ VETERANOS

EQ FEMININA



1º
2º
3º

ESTAFETA MILITAR
GAC
BAAA
BApSvc

CLASSIFICAÇÃO COLECTIVA
GAC
BApSvc
BAAA

CAMPEONATO DE VOLEIBOL 2000 - FASE REGIONAL

Decorreu de 20 a 24Nov00, no pavilhão gimnodesportivo do CMSM, o campeonato desportivo militar de voleibol, cujo planeamento, organização e condução esteve a cargo da CTm.

Este evento contou com a participação de 118 Militares, em representação das Unidades do CMSM e da BMI e decorreu de forma exemplar, proporcionando momentos de sã camaradagem, dentro e fora do campo de jogo.

De referir que as finais estiveram bastante "renhidas", alcançando-se um nível exibicional considerável para campeonatos desta fase.

Os resultados obtidos foram os seguintes:

CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS

1º	2BIMec
2º	GAC
3º	BAAA
4º	CEng
5º	CTm
6º	RC4
7º	BApSve
8º	BCS
9º	CCS/BMI
10º	1BIMec

Fica apenas um aspecto de reparo registado por todos aqueles que assistiram aos jogos: Em dias de chuva, a cobertura do "nosso" pavilhão deixa de funcionar como tal e o piso torna-se extremamente escorregadio, inviabilizando-se a sua utilização.



FUTEBOL 5 - FASE 2 - 2000

Decorreu, de 06 a 10Nov00, no pavilhão gimno-desportivo do CMSM a fase regional do campeonato desportivo militar de futebol de cinco, cuja organização esteve a cargo da CEng.

Este evento contou com a participação de 115 Militares em representação de todas as Unidades do CMSM e da BMI e decorreu de forma exemplar, para o que muito

contribuiu a excelente organização da prova.

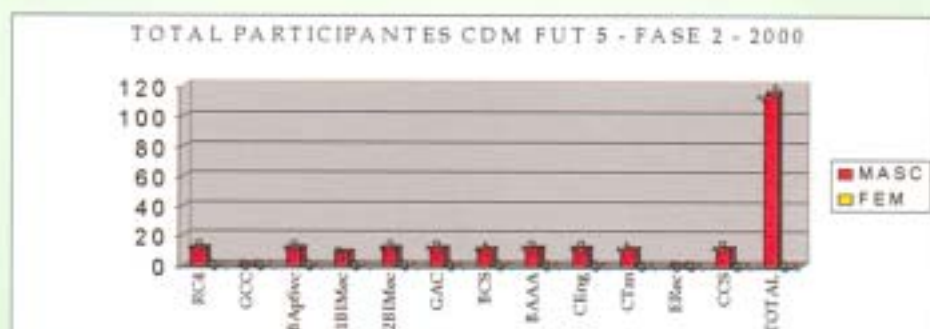
As classificações obtidas foram as seguintes:

CLASSIFICAÇÃO POR EQUIPAS

1º	CEng
2º	GAC
3º	2BIMec
4º	BAAA
5º	BApSvc
6º	BCS
7º	1BIMec
8º	CCS/BMI
9º	RC4
10º	CTm



UNIDADES PARTICIPANTES	MASCULINOS				FEMININOS				TOTAL PARTICIPANTES			
	OF	SAR	PRAC	TOTAL	OF	SAR	PRAC	TOTAL	OF	SAR	PRAC	TOTAL
RC4	0	4	8	12	0	0	0	0	0	4	8	12
GCC	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
BAPSvc	2	6	4	12	0	0	0	0	2	6	4	12
1BIMec	0	7	2	9	0	0	0	0	0	7	2	9
2BIMec	0	6	6	12	0	0	0	0	0	6	6	12
GAC	0	2	10	12	0	0	0	0	0	2	10	12
BCS	1	1	9	11	0	0	0	0	1	1	9	11
BAAA	2	7	3	12	0	0	0	0	2	7	3	12
CEng	0	2	10	12	0	0	0	0	0	2	10	12
CTm	0	4	7	11	0	0	0	0	0	4	7	11
ERec	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
CCS	0	1	11	12	0	0	0	0	0	1	11	12
TOTAL	5	40	70	115	0	0	0	0	5	40	70	115





DOSSIER

INTRODUÇÃO

Continuamos, neste número cinco da revista “Atoleiros”, a contribuir para a questão do reequipamento, naquilo que é agora uma prestação mais técnica, versando os sistemas de armas, com especial relevância nas blindagens, sistemas de tiro, sistemas de alerta e protecção etc.

Esta contribuição tem por base um trabalho elaborado pelo ex-2º Cmdt da BMI, Cor. Cav^a António Duarte Pinto Pereira e prolongar-se-á pelo número seis desta revista.

1.

ANTECEDENTES

O levantamento da 1ª BMI (1ª Brigada Mista Independente) começou em 1976, altura em que chegaram a Portugal as primeiras viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP) com destino ao 1º BIMEc e os primeiros carros de combate M48 A5 com destino ao ERec.

Este material era rigorosamente novo.

No entanto, a 1ª BMI só viria a ser oficialmente criada em 1978. Da sua organização quaternária fazia parte um grupo de carros de combate, um batalhão de infantaria mecanizado e dois batalhões de infantaria motorizado além do esquadrão de reconhecimento. As viaturas blindadas então recebidas eram iguais às que equipavam o exército americano e a organização e doutrina de emprego assentava na doutrina e organização americanas de 1976.

No entanto, para poder fazer face às formações blindadas do Pacto de Varsóvia, no âmbito da contribuição portuguesa para a defesa comum da Europa, esta força deveria ser

otimizada. Para tal, era necessário que os sistemas de armas em falta fossem integrados nas suas subunidades e que os dois batalhões de infantaria motorizados (entenda-se motorizado como sendo equipado com viaturas de rodas sem qualquer tipo de blindagem) viessem a ser substituídos, no mínimo, por um batalhão de infantaria mecanizado, dando à BMI uma composição ternária e a capacidade blindada total. Este objectivo foi previsto para o final de 1997, no término da 2ª LPM, numa altura em que alguns dos sistemas de armas já tinham ultrapassado vinte anos de vida útil e começava a justificar-se a sua substituição.

Entretanto, no Exército Americano, o conceito de defesa avançada, previsto na doutrina de 1976, deu lugar a uma nova doutrina, consubstanciada no emprego de sistemas de armas com uma enorme capacidade de destruição, tecnicamente muito avançados e de grande mobilidade, capazes de infligir danos irreparáveis aos segundos escalões das

formações blindadas do pacto de Varsóvia, permitindo assim a destruição dos primeiros escalões agora isolados e sem apoio.

Os sistemas de armas, doutrina e organização de 1986, só possíveis devido à enorme capacidade económica e tecnológica dos EUA, representaram o fim das esperanças soviéticas, se tivermos em conta que todo este avanço foi, em algumas áreas, acompanhado pelas nações mais industrializadas da Europa (Alemanha, Reino Unido, França), pertencentes à NATO.

Os carros de combate da família M60 foram substituídos pelos M1-Abrahams e as viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP) da família M113 pelas viaturas de combate de infantaria (VCI) da série M2-Bradley. Apostou-se na blindagem, na mobilidade, poder de fogo, capacidade de destruição ao primeiro tiro e alcance eficaz das armas. Esta revolução, ao nível dos conceitos e dos meios, impossível de acompanhar por países com fracas possibilidades económicas e tecnológicas, poderia vir a transformar a 1ª BMI numa peça de museu, se não fosse planeado em devido tempo, o melhoramento ou substituição da maioria do seu material orgânico principal.

A 1ª Lei de Programação Militar (1ª LPM) foi a primeira tentativa para inverter a situação, dando resposta a alguns dos objectivos de forças definidos para a Brigada nas áreas da vigilância do campo de batalha, aquisição de objectivos, comando e controlo, guerra electrónica e NBQ.

Aprovada em 1987, constituiu neste domínio um espaço de planeamento assinalável, ao prever, até 1991, a implementação de parte dos programas acima mencionados.

Em 1989 dá-se a queda do muro de Berlim, a que se segue o fim da guerra fria, a reunificação alemã e a extinção do Pacto de Varsóvia, tornando improvável um ataque em larga escala na Europa. Assiste-se a um clima de diálogo e de cooperação que leva à assinatura, em 1990, do tratado CFE. Dos excedentes de material de alguns países da NATO, Portugal vem a receber, com destino à BMI, VBTP M113 de origem americana, alemã e holandesa e CC M60 A3 TTS para

substituição da frota de M48 A5. O 2º Batalhão de Infantaria Mecanizado é levantado e a Brigada perde os seus dois batalhões de infantaria motorizados. Nasce a BMI (Brigada Mecanizada Independente) com uma composição ternária: dois batalhões de infantaria mecanizados e um grupo de carros de combate, além do esquadrão de reconhecimento.

Entretanto, em 1992, teve início a 2ª Lei de Programação Militar, para o quinquénio 1992/96 que, contemplando 12 programas extremamente ambiciosos, visava o “complemento e mecanização da BMI”.

Este objectivo não foi atingido.

Estamos em 2001.

A BMI comemorou em 1998 o seu 20º aniversário.

A 2ª Lei de Programação Militar completou o seu período de execução. Dos 18.268 milhões de contos atribuídos, (Lei nº 63/93) foram executados 5.680 milhões de contos, o que corresponde a cerca de 31,1% das verbas disponíveis.

As viaturas da família M113 e os CC M60 A3 recebidos no âmbito do tratado CFE, via Southern Region Amendment (SRA) e ao abrigo de diversas LOA's acordados com os EUA, após 1994, são material usado. Se podemos dizer que, de um modo geral, os M60 A3 TTS foram recebidos em condições aceitáveis, o mesmo não se pode dizer das viaturas M113.

Foram fornecidas sem palamentas e sistemas de intercomunicação, algumas sem as cúpulas dos chefes de carro e, de um modo geral, pouco cuidadas e com deficiências que obrigaram a revisões demoradas e dispendiosas.

Se podemos afirmar que o CC M60 A3 TTS representou um enorme salto tecnológico em relação ao M48 A5, do M113 podemos dizer que a sua recepção atrasou ainda mais a modernização da BMI.

Estamos prestes a assistir à sua substituição generalizada pelos mais modernos sistemas de armas existentes e continuamos a “mecanizar” com viaturas M 113 usadas, dos primeiros modelos construídos, que obrigam a uma manutenção dispendiosa, fora de qualquer

critério de razoabilidade, obsoletas na actual configuração.

Passamos a ter uma LPM permanente.

É preciso prever o futuro e planear para além de 2003.

E o que é que nos reserva esse futuro?

Em Novembro de 1991, praticamente no início da 2ª LPM, o Concelho do Atlântico Norte aprovou um novo conceito estratégico, tendo em conta o cenário de instabilidade política e social vivido na Europa, como resultado da desintegração do bloco soviético. As disputas entre estados continuaram a existir e as tensões latentes em alguns deles são geradoras de conflitos, susceptíveis de alastrarem aos territórios vizinhos, com consequências imprevisíveis. O novo conceito estratégico, embora reafirmando a vocação defensiva da Aliança, reconhece a existência destes riscos como uma potencial ameaça à sua segurança. Daí que os países signatários podem ser chamados a tomar parte em operações para promover a paz e a estabilidade. Estes são os novos desafios para os quais a BMI deveria estar preparada, uma vez que da sua missão consta, nomeadamente:

“...participar na defesa do território nacional, e na satisfação dos compromissos internacionais assumidos por Portugal...”

E a pergunta surge naturalmente:

Estará a BMI preparada para as novas missões?

Os sistemas de armas de que dispõe são os mais adequados?

a. VBTP M113

- São orgânicas de todas as subunidades da BMI e representa o ferro de lança dos batalhões de infantaria mecanizados e do esquadrão de reconhecimento.

- Foram concebidos no âmbito da doutrina americana de 1976.

- Foram substituídas, no exército americano, pela VCI M2-Bradley, no âmbito da reorganização de 1986, pondo de parte o conceito de VBTP.

- A substituição da M2 está prevista a partir de 2005.

- O modelo existente, na actual configuração, não tem capacidade para cumprir as tarefas que se podem deduzir da missão da BMI.

- Não estão vocacionadas para utilização em conflitos de baixa intensidade, nomeadamente em operações de manutenção de paz (ainda não está longe, na memória das pessoas, a imagem dos blindados chineses na praça de Tianamen, dos israelitas no sul do Líbano, americanos na Somália...). Parece haver uma maior aceitação das viaturas blindadas de rodas, ainda que com armamento mais poderoso.

- Não oferecem segurança à tripulação por insuficiência de blindagem e ausência de uma torreta protegendo o apontador do armamento principal.

- A metralhadora 12,7 é manifestamente insuficiente como armamento principal.

- O sistema de pontaria não é suficientemente preciso para evitar danos colaterais.

- Não possuem armamento secundário.

- São extremamente incómodas, especialmente em pisos duros.

- Não foram concebidas para se viver nelas durante muito tempo e não garantem as médias horárias à volta dos 60 Km/hora durante períodos dilatados (+8 horas).

- Não têm capacidade de combate todo o tempo e como tal não podem proteger/acompanhar os M60A3TTS em situações de visibilidade reduzida (são sistemas de gerações diferentes).

Para cumprir o vasto leque de missões que poderão vir a ser atribuídas à BMI, só existem duas soluções em relação à família de viaturas M113: - Substituí-las por sistemas actuais e eficientes ou melhorá-las de modo a eliminar todas ou parte das servidões apontadas.

Parece ser evidente que é possível seguir as organizações e doutrina em vigor mas não é necessário adquirir novos sistemas de armas para fazer face às novas ameaças e às novas missões. Não podem existir unidades para tomar parte em operações de apoio à paz e outras para conduzir unicamente operações

convencionais. Terão de oferecer a flexibilidade necessária para poderem levar a cabo os dois tipos de missões.

Não é possível fazer depender a estrutura mecanizada da BMI de viaturas M113, sem definir um calendário para a sua modernização e/ou substituição.

Apesar da evolução tecnológica das modernas unidades de infantaria e de reconhecimento, é cada vez mais evidente que determinadas tarefas, no campo de batalha moderno, só podem ser executadas por atiradores apeados. Como consequência lógica, as viaturas de rodas ou lagartas, quer lhes chamemos viaturas blindadas de transporte de pessoal (VBTP) ou de combate de infantaria (VCI) destinam-se, em primeira prioridade, a garantir protecção blindada no deslocamento e apoio de fogos na execução.

A actual geração de VBTP e de VCI, pertencentes aos modernos exércitos europeus, uma geração à frente da família M113, será substituída, de maneira geral, a partir de 2005. Já existem alguns protótipos em avaliação e há unanimidade em reconhecer que serão sistemas tecnologicamente muito avançados e flexíveis, capazes de garantir às organizações em que se integram a capacidade de fazer face à diversidade de ameaças que possam surgir como resultado da alteração do ambiente operacional.

- Será uma viatura de rodas ou lagartas,

com capacidade de projecção operacional, dimensionada para utilizar os meios de transporte existentes, militares e civis, sem necessidade de preparação que ultrapasse as capacidades da guarnição.

- Apresentará grande mobilidade táctica, o que lhe dará capacidade de actuação em diferentes situações (todo o terreno e áreas urbanizadas). Para tal, é-lhe exigido um raio de

viragem inferior a 15 m, grande poder de aceleração para a frente e para trás, capacidade de ultrapassar barricadas e boas possibilidades no todo o terreno e estrada.

- Será resistente e versátil. As operações de apoio à paz são normalmente missões prolongadas. É normal existirem destacamentos em locais isolados e por períodos prolongados, que têm de se bastar a si próprios. As viaturas que utilizam devem garantir-lhes protecção, apoio logístico (combustível, munições, rações, água, etc.) e comodidade com qual-



quer tipo de condições meteorológicas (climatizadas com 10 m³ de volume disponível em vez dos 7m³ do M113). Em termos de protecção deve ser resistente a projecteis de 14,5 e a minas de pressão, tendo neste caso capacidade para sair da zona pelos seus próprios meios. O aparecimento de "snipers", utilizando armas de calibre 12,7 mm, com tendência para 14,5 mm, obriga a cuidados acrescidos.

- Em termos de organização e ergonomia, estará adaptada a períodos prolongados de operação, garantindo o mínimo de comodidade aos ocupantes mesmo nas posições de combate.

- Deverá ter capacidade de evacuação de feridos.

- Em termos de poder de fogo, o armamento principal deve garantir mais do que autodefesa. Deve ter alcance suficiente e ser eficaz contra as ameaças mais vulgares (pessoal apeado e viaturas blindadas do mesmo tipo) mas também contra aeronaves, especialmente helicópteros. A existência de armas para autodefesa, independentemente do armamento principal, é necessária.

- O apontador das armas deve estar protegido pela blindagem.

- Deve ter possibilidades de actuar em condições extremas de visibilidade reduzida e possuir sistemas precisos de localização e designação de objectivos.

- Deve ter capacidade de ser integrada num "sistema de informação fechado" ao nível de subunidade em que se integra.

- O sistema de pontaria deve ser suficientemente preciso para evitar danos colaterais (muito importante em operações de apoio à paz) e o comandante da viatura não deve ser o apontador do armamento principal).

- Para facilitar o apoio logístico, deve ser uma viatura fácil de manter e suficientemente robusta. As avarias devem ser fáceis de detectar e a substituição de componentes deve ser modular e ao alcance do utilizador.

b. M60 A3 TTS

O M60 A3 TTS do Exército Português, na actual configuração, é um carro obsoleto.

Por duas razões.

A primeira tem a ver com a proliferação de armas que o podem destruir e contra as quais não apresenta defesas.

A segunda tem a ver com a incapacidade do sistema logístico o apoiar a partir de 1999.

Depois desta data, a NAMSA não garante a manutenção e reabastecimento dos componentes do sistema integrado de tiro e estabilização.

Porque parece não ser viável a sua substituição por um sistema mais moderno e não se afigura sensato deixar de ter uma componente de carros de combate no Exército Português, por mais pequena que seja, algumas medidas parecem urgentes:

- Aquisição de um sistema de blindagem adicional, no mínimo para parte da frota existente, que garanta protecção contra as ameaças mais perigosas e mais prováveis (projecteis de carga oca, minas de pressão, granadas APFSDS de calibre até 60 mm).

- Substituição do sistema integrado de tiro e estabilização por um mais sofisticado e actual que seja possível apoiar com base no sistema logístico português e com técnicos portugueses.

- Aquisição dos sobressalentes necessários ao período considerado de vida útil.

No entanto, a solução ideal passaria por uma transformação semelhante à feita pelo Exército Israelita, abrangendo as seguintes áreas:

- Aplicação de blindagem adicional na torre

- Saias de protecção para a suspensão e trilhos

- Substituição dos trilhos com almofadas de borracha por trilhos de ferro muito mais leves.

- Instalação de um sistema avançado de extinção de incêndios e protecção contra explosões.

- Substituição do motor Teledyn AVDS 1790 pelo novo modelo 5 A com 908 HP.

- Substituição da Cross Drive pela caixa de velocidades Allison CD 8506 BX.

- Melhoramento da suspensão.

- Substituição do sistema integrado de tiro.

- Aplicação de lança-granadas de fumos.

- Substituição da torreta do chefe de carro.

- Instalação de sistemas de alerta e protecção.

- Peça de 120mm.

Desde o início da década de 60 ocorreram, em relação ao emprego de carros de combate, dois acontecimentos relevantes que vieram dar mais importância à cooperação inter-armas e revolucionaram a concepção dos meios blindados:

- 1º, é de natureza tática, e teve origem no aparecimento dos mísseis anticarro. Até então, a principal ameaça provinha das armas de tiro directo (peças, canhões anti-carro, canhões s/recuo, etc.). O aparecimento dos mísseis inverteu toda a situação. São difíceis de detectar e mais precisos e destruidores até distâncias que podem ir, para algumas versões para lá dos 5 KM. Daí a importância acrescida do apoio que deve ser dado ao carro de combate por todos os elementos das formações blindadas, sendo fundamental a protecção da infantaria mecanizada.

- 2º, é de natureza operacional, e decorre do emprego de helicópteros armados com mísseis. Pela 1ª vez, desde o aparecimento das formações blindadas, uma plataforma anti-carro apresenta maior mobilidade que os sistemas mecanizados. E a conclusão é a mesma: O apoio inter-armas é fundamental, especialmente no que diz respeito à precisão dos sistemas de AAA.

De cada vez que surge uma nova arma, os profetas da desgraça anunciam o seu fim e sonham com verdadeiras revoluções nos conceitos operacionais. No entanto, estas conjunturas pecam por se basearem numa falsa percepção de carro de combate.

O carro de combate nunca foi nem nunca será invulnerável e a relação da força entre ele e as armas anti-carro nunca se alterou muito ao longo dos tempos, no que diz respeito à dicotomia "projectil" / "carapaça". Por isso, hoje como no passado, os conceitos operacionais continuam a assentar no emprego de formações blindadas para a resolução das grandes batalhas terrestres, uma vez que ainda não apareceu qualquer outro sistema de armas capaz de cumprir as missões que normalmente lhe são atribuídas no moderno campo de batalha.

Como elemento fundamental da manobra ou garantindo o apoio de fogos a outras forças, o seu papel é insubstituível.

Mas, há uma ideia a reter.

Se não evoluir ao mesmo nível das armas que o podem destruir, tornar-se-á rapidamente obsoleto e inútil.

Os carros de combate da actual geração (M1, Leopard, Challenger, Leclerc, T-80) serão provavelmente substituídos, entre 2015 e 2020, depois de sofrerem um sem número de modificações que pressagiam as características e capacidades dos outros sistemas que estão para vir.

Chamar-se-á nos Estados Unidos "Future Combat Systems (FCS)", "Mobile Direct Fire Equipment Requirement (MODIFIER)" na Grã-Bretanha, "New Gepanzerte Plattformen (NPG)" na Alemanha...

Como as designações sugerem, serão sistemas polivalentes, aos quais se pede ainda mais do que aquilo que é exigido ao carro de combate de hoje.

- Armamento principal -

serão armados com peças que garantam uma energia inicial acima dos 18MJ, o que actualmente só é possível com o calibre de 140 mm. Num futuro próximo, tudo leva a crer que se poderão atingir resultados muito semelhantes, melhorando as actuais peças de 120 mm e as cargas propulsoras das granadas.

A peça 10,5 cm do CC M60 A3 está obsoleta.

A sua tripulação será provavelmente de 2 homens, que tomarão lugar, lado a lado no casco, donde controlarão todo o sistema, com acesso, em tempo real, à informação disponível em todos os carros da sua subunidade e à situação aérea a partir do sistema de alerta das unidades de AAA: O municiamento do armamento principal será automático e será possível introduzir as distâncias calculadas pelo telémetro laser, automaticamente na espoleta de tempos da granada que se encontra na câmara. Não é difícil imaginar a revolução que este avanço tecnológico pode significar. O resultado

de alguns conflitos recentes seriam os mesmos se os carros de combate em confronto tivessem tido esta possibilidade?

- **Blindagem** - A blindagem tem vindo a ser progressivamente melhorada desde a década se 70. "Non-energetic reactive armor (Nera)" e "explosive reactive armor (ERA)" garantiram a protecção dos modernos carros de combate até aos nossos dias. No entanto, um novo sistema vai nascer. Semelhante ao Nera, baseia-se em "sandwiches" de metal, cujo interior é preenchido com materiais não explosivos, capazes de armazenar enormes quantidades de energia diminuindo o poder de perfuração dos projecteis. São materiais leves mas extremamente resistentes, que transformarão os carros do futuro em sistemas mais ligeiros e mais rápidos e portanto com maior capacidade de sobrevivência, apesar de o escudo da peça (a blindagem frontal da torre) poder apresentar uma capacidade de resistência equivalente à de um bloco de aço homogéneo de 101 cm de espessura.

- **Sistema integrado de tiro** - É fácil de imaginar que não é possível reduzir a tripulação de um carro de combate sucessivamente de 4 para 3 e depois para dois, sobrecarregando os elementos restantes com as funções dos que foram eliminados. Na verdade, no carro do futuro, muitas das tarefas que são hoje desempenhadas pela tripulação, serão executadas por sensores e a informação será processada em tempo real por sistemas computadorizados da última geração, diminuindo a fadiga humana para níveis perfeitamente aceitáveis: Será automática a detecção, identificação e seguimento dos alvos (carros de combate, helicópteros e viaturas diversas) bem como a determinação dos elementos e tiro.

Câmaras de televisão de alta resolução permitirão uma visão panorâmica do campo de batalha, muito superior à que os chefes de carro de hoje têm a partir das suas cúpulas, onde se encontram bem expostos aos fogos e aos efeitos dos lasers e para os quais não é possível encon-

trar filtros protectores. As câmaras de televisão parecem ser imunes a estas medidas.

Sistemas de posicionamento por satélite (GPS) equiparão todos os carros de combate do futuro.

Granadas especiais permitirão uma visão em profundidade do campo de batalha e a informação recolhida pode ser directamente processada pelo computador e disponibilizada até aos mais baixos níveis de execução de modo a ser imediatamente explorada.

Todos estes sistemas já se encontram hoje em avaliação em alguns dos mais modernos carros de combate (M1A2, T80 UM, Challenger, Merkava...)

- **Sistemas de alerta e protecção** - Sistemas utilizando tecnologia laser proporcionarão mais segurança aos futuros carros de combate, detectando os feixes laser com origem nos telémetros, designadores e mísseis do inimigo.

"Jammers" baseados em potentes emissores de infravermelhos serão capazes de confundir os sistemas de guiamento de mísseis anti-carro utilizando essa tecnologia (Dragon, Hellfire, Hot, Maverich, Milan, Tow...) Como resultado, sistemas de armas que hoje consideramos a última palavra da tecnologia, serão provavelmente peças de museu dentro de muito pouco tempo.

- **Suspensão** - Será com certeza uma suspensão hidro-pneumática, permitindo fazer variar a distância ao solo de 10 a 48 cm, conforme as circunstâncias. Ao sair de uma posição de casco desenhado para uma de carro de combate desenhado, sem qualquer tipo de manobra, 38 centímetros a mais ou a menos podem significar tudo em termos de sobrevivência. A máquina imita os movimentos do atirador no seu abrigo. Levanta-se e curva-se sobre o para-choque para observar e atirar e baixa-se para se proteger e remuniciar.

continua